

Revista Ave Maria

Ano 127 | Abril 2025



A FESTA DA DIVINA MISERICÓRDIA E SÃO JOÃO PAULO II

REPORTAGEM

Semana Santa: a caminhada cristã guiada pelo amor, fé e reflexões!

JUVENTUDE

Pedir bênção aos pais não está fora de moda!

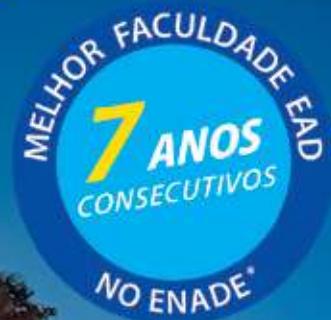
ESPIRITUALIDADE

O Dom do Temor

Claretiano

A faculdade que é **mais+** por você.

+ de 110
polos pelo Brasil



Encontre o polo
mais perto de você

Mais de 30 cursos
de **Graduação.**

Confira, também, os cursos de
2ª Graduação e Pós-graduação.



VESTIBULAR • INSCREVA-SE

claretiano.edu.br

0800 34 41 77 • (16) 3660 1777  Atendimento via WhatsApp


Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO



ALÉM DO TÚMULO VAZIO

Nesta edição de abril somos convidados a refletir sobre o renascimento mais significativo da história cristã: a ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse evento fundamental, que celebramos na Páscoa, não é apenas uma lembrança distante, mas um chamado contínuo à transformação e ao testemunho em nossas vidas.

Há quase 2 mil anos, os discípulos de Jesus enfrentaram um momento de profunda crise. O Mestre que amavam havia sido brutalmente assassinado pelo poder religioso e político de sua época. O medo os dispersou, fazendo-os retornar às suas vidas antigas, no entanto, foi desse aparente fim que surgiu o mais extraordinário começo.

A caminhada da fé, como nos relembra o evangelista João, muitas vezes começa na escuridão. Maria Madalena, figura central na comunidade primitiva e “apóstola dos apóstolos”, buscou Jesus no túmulo ainda de madrugada (cf. Jo 20,1-9). Sua busca, embora inicialmente desorientada, simboliza o primeiro passo de uma fé nascente na ressurreição.

O caminho para a compreensão plena desse mistério não foi fácil para a comunidade cristã. As reações diversas de Pedro e do “discípulo amado” ao túmulo vazio ilustram as diferentes formas de assimilar essa verdade revolucionária. Alguns,

guiados pelo coração, chegaram mais rapidamente à fé; outros, pela razão, precisaram de mais tempo.

Paulo nos lembra das profundas implicações da ressurreição em nossas vidas (cf. At 10,34a.37-43). Somos chamados a “buscar as coisas do alto”, vivendo uma espiritualidade pascal intensa. Nossa vida, agora, está “escondida com Cristo em Deus” (Col 3,1-4), uma nova existência que transcende as limitações terrenas.

Vejamos, portanto, como o evento pascal transformou o medo em coragem, o escondimento em testemunho destemido. Reflitamos, durante este mês em que celebramos a Páscoa, sobre como, à medida que a comunidade se certificava da Ressurreição, uma mudança radical ocorria: o nascimento de uma nova criação, de um novo tempo.

Que as páginas seguintes desta edição da *Revista Ave Maria* sejam um convite para cada um de nós renovar a própria fé. Assim como os primeiros cristãos somos desafiados a passar da escuridão da dúvida para a luz da certeza, do túmulo vazio para o encontro vivo com Cristo ressuscitado.

Que esta Páscoa de 2025 seja um tempo de transformação concreta e testemunho vivo em nossas vidas e comunidades.

Uma santa Páscoa e abençoada leitura a todos! ●



Ave Maria

126 anos

Notas Marianas

MISTÉRIOS DA GLÓRIA

“**A** contemplação do rosto de Cristo não pode deter-se na imagem do crucificado. Ele é o Ressuscitado! Contemplando o Ressuscitado, o cristão descobre novamente as razões da própria fé (cf. 1Cor 15,14) e revive não só a alegria daqueles a quem Cristo se manifestou – os apóstolos, Madalena, os discípulos de Emaús –, mas também a alegria de Maria, que deverá ter tido uma experiência não menos intensa da nova existência do Filho glorificado.” (Rosário da Virgem Maria, 23). É costume rezá-los às quartas-feiras e aos domingos.

SUMÁRIO



38 MATÉRIA DE CAPA

A FESTA DA
DIVINA MISERICÓRDIA
E SÃO JOÃO PAULO II

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

5 CAMINHAR COM MARIA NA QUARESMA

6 ESPAÇO DO LEITOR

VOCAÇÕES NA BÍBLIA

8 NAUM, O JUÍZO DE DEUS

10 ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

12 SANTO ADALBERTO

MÚSICA SACRA

14 MELODIA SUAVE

REFLEXÃO BÍBLICA

16 A ORAÇÃO NO EVANGELHO DE LUCAS E ATOS

PÁSCOA

18 CRISTO, NOSSA PÁSCOA!

ESPECIAL REVISTA AVE MARIA

20 REVISTA AVE MARIA: 127 ANOS DE FÉ, EVANGELIZAÇÃO E AMOR À MÃE DE DEUS

PARÓQUIA

22 O ANO SANTO E A PARÓQUIA

LANÇAMENTO

24 COMO PENSAR NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL E NA FORMAÇÃO HUMANA DO CATEQUISTA



REPORTAGEM

26 SEMANA SANTA: A CAMINHADA CRISTÃ GUIADA PELO AMOR, FÉ E REFLEXÕES

IGREJA DIGITAL

30 SETE ATOS DE CARIDADE PARA OS AGENTES DE PASTORAIS NA QUARESMA

ESPÍRITO SANTO

32 O ESPÍRITO SANTO É A ALMA DA IGREJA

CRÔNICA

36 A PÁSCOA, NOSSA ESPERANÇA

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

44 SANTUÁRIO DIOCESANO SANTO EXPEDITO (SP)

46 PALAVRA DO PAPA

CATEQUESE

48 PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA IGREJA DOMÉSTICA

IGREJA CATÓLICA

50 A CRUZ E A IGREJA CATÓLICA

ESPIRITUALIDADE

52 O DOM DO TEMOR

FRATERNIDADE

54 A GÊNEROSIDADE PARA COM DEUS E OS IRMÃOS

JUVENTUDE

56 PEDIR BENÇÃO AOS PAIS NÃO ESTÁ FORA DE MODA!

SAÚDE

58 ENTRE DESAFIOS E HORMÔNIOS: A DEPRESSÃO NA POPULAÇÃO FEMININA

RELAÇÕES FAMILIARES

60 O PODER DO AMOR FAMILIAR COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

VIVA MELHOR

62 ENTRE MÁSCARAS E ESPELHOS: QUEM SOU EU DE VERDADE?

EVANGELIZAÇÃO

64 APARECIDA E O PEÃO BOIADEIRO

66 SABOR & ARTE NA MESA

Revista
Ave Maria

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Lúis Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaias Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP,
01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaias Silva Pinto, Pe. Lúis Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdeci Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Imagem: Montagem / Wikipedia

f /revistaavemaria

@revistaavemaria

revistaavemaria.com.br

CAMINHAR COM MARIA NA QUARESMA

◆ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ◆

A espiritualidade mariana nos acompanha em todos os tempos do ano litúrgico. Naturalmente que em cada tempo há uma maneira de vivenciar a espiritualidade mariana e de sermos conduzidos por ela ao seu filho Jesus.

A espiritualidade quaresmal nos orienta a aprofundar o autoconhecimento e o crescimento espiritual, seja na oração, na penitência e na prática das boas obras; por outro lado, o jejum e a esmola são formas de viver o controle pessoal e a partilha dos bens. O verdadeiro jejum é aquele que se transforma em doação aos mais necessitados.

Podemos afirmar que a vida de Maria, a mãe de Jesus, foi toda ela uma verdadeira quaresma, no sentido de enfrentar situações de contínuo sofrimento e superação de si mesma. O Evangelho de Lucas relata o possível sofrimento de Maria quando diz “Por não haver lugar na pousada, o Menino Jesus foi reclinado numa manjedoura” (2,7). Não é difícil imaginar quanto Maria teria desejado que seu filho tivesse um leito digno para repousar. Hoje nós espiritualizamos e vemos nesse fato a opção do próprio Jesus em se identificar com os mais pobres, porém, a realidade significou incômodo e superação.

Os estudiosos atualmente afirmam que um grande sofrimento de Maria foi o fato de não ter compreendido a missão de seu filho Jesus, pois seu agir, da infância à vida adulta, fugia totalmente do que se poderia imaginar, seja de um adolescente, seja de um adulto da época.

O próprio fato da permanência de Jesus no templo (cf. Lc 2,41-52), às vezes interpretada como se Ele tivesse se perdido, na verdade foi consciente. A atitude de José e Maria revela incompreensão e, com certeza, provoca grande dor. No coração deles há um misto de incompreensão e mistério: como entender que uma criança tenha uma atitude de independência dessa proporção: “Por que me procuravam? Não sabiam que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?” (Lc 2,49).

Um fato não é revelado pelas Escrituras, mas tem base histórica; ao chegar à idade adulta, Jesus deixou



Imagem: arculture.ru

a família e adotou um estilo de vida de andarilho, juntando-se às pessoas muitas vezes sem boa fama; isso destoava totalmente do que se esperava de um filho na época: abandonar a casa e não continuar a profissão do pai eram atitudes que fugiam completamente da normalidade e devem ter causado em Maria um grande sofrimento e, até onde se pode compreender humanamente, podemos dizer que ela teve dificuldade em entender as escolhas de Jesus, tanto é que os evangelhos não relatam a presença de Maria com o grupo que normalmente o seguia.

Além disso, como entender um coração de mãe quando Jesus disse “Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a praticam” (Lc 8,19-25)?

Espiritualmente, dizemos que Maria é a primeira discípula de Jesus, o que é uma realidade, porém, o que a Bíblia nos diz é que o aprendizado dela foi permeado pelo sofrimento ao longo de toda a sua vida e de forma constante. O sofrimento ainda maior de Maria foi a paixão e morte de Jesus. A situação somente mudaria na ressurreição.

Contemplando o sofrimento de Maria, entendemos as palavras de Jesus: “Quem quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Lc 9,22-25). Sua mãe foi a primeira a vivenciar essa realidade. O que mais impressiona em Maria é sua fé e sua perseverança, jamais duvidando, em meio a todas as dificuldades e sofrimentos da vida.

Que ela seja inspiração para todos nós nesta Quaresma!●

3 DICAS PARA VIVER BEM O TEMPO DA PÁSCOA

♦ Da Redação ♦

O Tríduo Pascal começa na Quinta-feira Santa e se conclui no Sábado de Aleluia. No mundo inteiro, milhares de fiéis se unem para viver as celebrações que os levam a contemplar a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Contudo, vale lembrar que o período marcado pela alegria da Ressurreição dura, no calendário litúrgico, oito semanas, finalizando com a Festa de Pentecostes. Para ajudar a viver esse Tempo Pascal, reunimos três dicas para você:

1 – CELEBRAR A PÁSCOA

É costume reunir a família para celebrar o Natal do Senhor. No Domingo de Páscoa, esse encontro fraterno também acontece na sua casa? Se ainda não é uma prática, a dica é marcar com a família e os amigos para celebrar a Ressurreição de Jesus Cristo, pois, da alegria trazida pelo Senhor, que vence a morte e o pecado, ninguém é excluído. Marque um almoço, um jantar, um momento de convivência. Convide seus familiares e amigos, rezem juntos, celebrem a Ressurreição.

1 – CELEBRAR A PÁSCOA

Geralmente, no trabalho ou no ambiente escolar, deseja-se “Feliz Páscoa” antes do Domingo da Ressurreição. A dica é partilhar a alegria da vitória de Cristo sobre a morte durante toda a Oitava da Páscoa também. Aproveite esse tempo para anunciar que Cristo ressuscitou e que você é testemunha dessa ressurreição. Deseje “Feliz Páscoa” aos seus colegas de trabalho, familiares e a quem você encontrar no dia a dia, pois da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído.

3 – LOUVOR, LOUVOR E LOUVOR

O tempo da Ressurreição é marcado pela alegria. Essa alegria não é euforia, é uma felicidade que não

cabe em nós. Por isso, a melhor forma de expressar essa experiência é por meio do louvor. Aproveite a Oitava da Páscoa para louvar mais, para bendizer a Deus pelos feitos d’Ele em sua vida e na história da salvação. Permaneça no louvor!

Que essas dicas nos ajudem a viver bem a celebração da Páscoa de Jesus, que transforma e impacta nossas vidas! ●



Imagem: Follow / Freepik

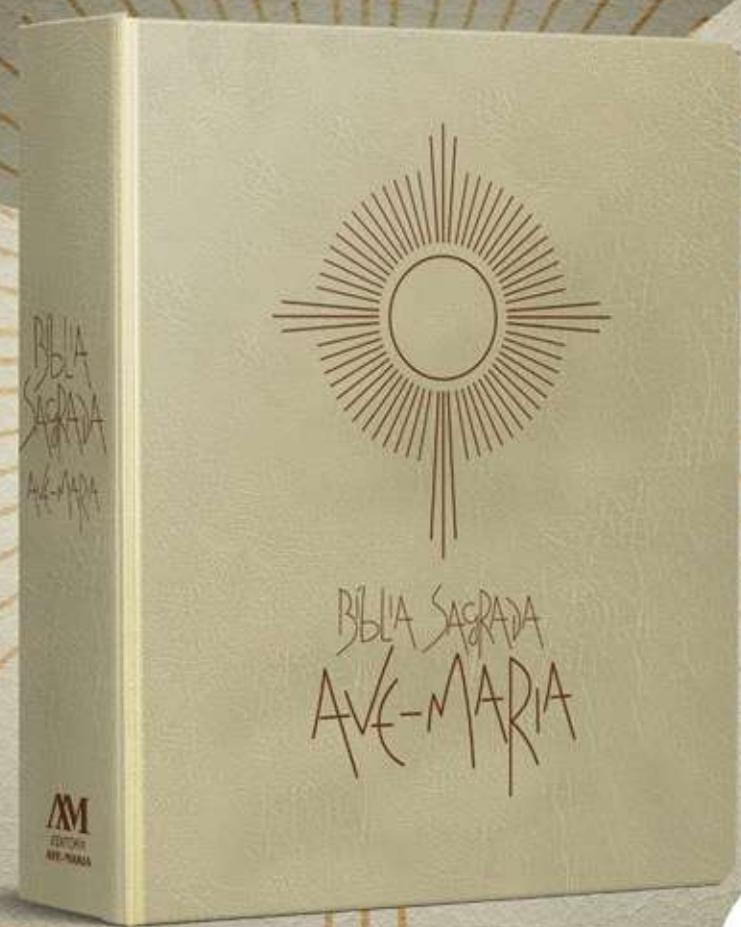


QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO

Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para

Rua Martim Francisco, 636, 2º andar,
Santa Cecília, São Paulo, CEP 01226-002

Chegou a
Bíblia Ave-Maria
Capa Eucarística:
excelente opção de presente para o
catequizando!



À venda nas
melhores livrarias católicas
ou em avemaria.com.br



VOCAÇÕES NA BÍBLIA

NAUM,

O JUÍZO DE DEUS



Imagem: aquarela por volta de 1898 por James Tissot / Wikipedia

◆ Pe. Nilton Cesar Boni, cmf ◆

S abemos pouquíssimo sobre Naum (forma abreviada de Naumias), que significa “Javé conforta”; não temos relato de seu nascimento, nem quem foram seus pais. A Escritura Sagrada lhe atribui um livro com apenas três capítulos, ele é o sétimo dos profetas menores, provavelmente nascido em Elcós (cidade de Judá cuja localização é inexistente). Seu ministério aconteceu em Nínive, capital da Assíria entre os anos 663-612 a.C. Essa cidade já foi palco para o profeta Jonas um século antes, quando anunciou a conversão senão ela seria destruída. No entanto, Nínive continuou sendo mercantilista sanguinária, corrupta, idólatra, violenta, vivia de mentiras, promovia a prostituição, mortes e roubos. Foi conquistada pela Babilônia e teve sua queda sem piedade.

Naum surge nesse contexto para alertar novamente o povo sobre a desolação e a perda que a cidade vivia. Começa seu livro dizendo “O Senhor é um Deus zeloso e vingador, o Senhor é um vingador irascível; o Senhor toma vingança de seus adversários e trata com rigor os seus inimigos. O Senhor é paciente e grande em poder, não deixa impune o culpado” (Na 1,2-3). Ele segue a mesma linha dos profetas que mostra Deus como soberano, justo, criador de tudo, que se comunica por meio de sinais presentes na natureza revelando seu poder e força.

O seu testemunho de amor a Deus descortina-se nos enfrentamentos com as autoridades e o povo de Nínive. Ele denuncia a cidade como arrogante e cheia de pecados, muito confiante em si mesma, mas que será destruída apesar de suas seguras construções e fortificações. Sua fragilidade está na corrupção de seus poderes e na devassidão dos

habitantes que abandonaram o Senhor e se refugiaram no prazer, causada pela manipulação dos soberanos.



O profeta Naum foi um zeloso servidor de Deus e nas suas pregações mostrou ao povo que suas atitudes envergonhavam o nome do Altíssimo



Exortava o povo a adorá-lo com humildade e temor, discernindo entre o que agrada e o que entristece o coração do Senhor. No arrependimento dos pecados e na volta para uma vida reta, Deus vai reconstruindo os caminhos com sua justiça e proteção. É um chamado à conversão, ao arrependimento sincero que traz paz e alegria à alma para que o povo viva com gratidão e fé.

Enquanto Jonas deu ênfase ao amor de Deus em sua pregação aos ninivitas, Naum chamou a atenção para a justiça divina e colocou a responsabilidade pelas decisões morais e espirituais nas mãos de cada geração que se recusa a seguir os mandamentos de Deus.

É um profeta que nos alerta para o zelo com a espiritualidade e a centralidade da pessoa, criada para ser filho de Deus e glorificá-lo. Quando se mancha a dignidade e a identidade sagrada se macula, então se abrem as portas à escravidão e à manipulação dos poderosos. A degradação do povo e o anúncio do consolo de Deus é a luta diária de quem ama a vocação e se entrega ao serviço missionário da fé sem retroceder na profecia. ●

SÍNODO É CAMINHO IRREVERSÍVEL NA ESCUTA E NO DIÁLOGO

O Papa Francisco, mesmo fragilizado durante o seu internamento, reforçou o compromisso com a implementação do documento final do Sínodo. A Secretaria-geral do Sínodo, por meio de uma carta assinada pelo Cardeal Mario Grech e aprovada pelo Papa, delineou um plano de implementação para o período de 2025 a 2028. Esse processo não deve ser apenas uma aplicação de diretrizes superiores, mas sim um caminho de recepção e corresponsabilidade.

As equipas sinodais diocesanas serão reativadas e aprimora-

das, culminando num jubileu em outubro de 2025. O cronograma prevê diversas fases, incluindo assembleias de avaliação em níveis locais, nacionais e continentais, com uma grande assembleia eclesial no Vaticano em outubro de 2028.

Líderes como o Padre Paulo Terroso destacam que o caminho sinodal é irreversível e essencial para o futuro da Igreja. O jornalista Joaquim Franco ressalta que o Papa, apesar das limitações físicas, mantém-se resiliente e aposta num modelo de Igreja inclusiva e participativa. O processo sinodal,

assim, transcende pontificados e contextos, consolidando-se como uma nova forma de ser Igreja. ●

Fonte: com informações de Vatican News



Imagem: noticias.cancionaria.com

“CADA VOCAÇÃO É SINAL DA ESPERANÇA QUE DEUS NUTRE PELO MUNDO”, DIZ PAPA

A mensagem do Papa Francisco para o 62º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, celebrado a 11 de maio, tem como tema “Peregrinos de esperança: o dom da vida”. O Papa sublinha que a vocação é um presente divino, um chamado ao amor e ao serviço, seja na vida laical, no ministério ordenado ou na vida consagrada.

CRISE DE IDENTIDADE E ESPERANÇA NA VOCAÇÃO

Francisco reconhece que muitos jovens enfrentam incertezas quanto ao futuro, agravadas pela confusão digital e pela crise de

valores. No entanto, reafirma que Deus não os abandona e deseja despertar neles a consciência de serem amados e chamados a um propósito. O Papa pede que a Igreja acolha, discirna e acompanhe os jovens no caminho vocacional, destacando que eles não são “o futuro”, mas o agora de Deus.

A RESPOSTA GÊNEROSA E O CAMINHO DE DISCERNIMENTO

O Papa indica três passos essenciais: acolher, discernir e acompanhar a vocação. Encoraja os jovens a olharem para santos que, ainda na juventude,

responderam com alegria ao chamado divino, como Santa Rosa de Lima, São Domingos Sávio, Santa Teresa do Menino Jesus e Carlo Acutis. Segundo Francisco, toda vocação nasce de um impulso interior ao amor e ao serviço, entrelaçando-se com a esperança no plano de Deus.

O discernimento vocacional, segundo o Papa, não é um processo solitário, mas deve ocorrer no seio da comunidade cristã. Ele alerta para a necessidade de silêncio e oração para ouvir a voz de Deus, pois a sociedade atual incentiva escolhas precipitadas e um ruído constante que dificulta

o autoconhecimento. O chamado de Deus, destaca, sempre conduz ao serviço do próximo, especialmente dos mais marginalizados.

VOCAÇÃO E COMUNIDADE

Francisco pede que pastores e agentes vocacionais acompanhem os jovens com paciência e confiança, ajudando-os a reconhecer os sinais divinos. Afirmo que a vocação não é um caminho individualista, mas fortalece-se na comunidade e cresce no ser-

viço aos outros. Exorta também a Igreja a continuar pedindo a Deus novas vocações, pois o mundo precisa de testemunhas de esperança.

O Papa conclui sua mensagem confiando os jovens à intercessão de Maria e encorajando-os a caminharem como peregrinos da esperança, dedicando suas vidas a Cristo e ao Evangelho.●

Fonte: com informações de Notícias Canção Nova



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade:
um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



23 DE ABRIL



Imagem: Mihály Kovács / Wikipedia

SANTO ADALBERTO BISPO E MÁRTIR (936-987)

“**E**u me chamo Adalberto, sou da Boêmia por nascimento, monge por vocação, bispo por sacração e agora vosso apóstolo por missão. O motivo pelo qual estou aqui entre vós é para vossa salvação, a fim de que possais abandonar as estátuas surdas e mudas e conhecer o vosso Criador, o único e verdadeiro Deus; e crendo nele tenhais a vida e obtenhais o prêmio das alegrias celestes nas moradas eternas.” (Acta Sanctorum, abril, III, pp. 186-187)

Assim respondeu Adalberto aos pagãos que, em Tenkitten, na terra da Prússia entre o Noget e o Vístula, haviam-no aprisionado juntamente com seu irmão Gaudêncio e outro monge. À pergunta dos pagãos a respeito da viagem deles, a Liturgia das Horas coloca em sua boca as seguintes palavras: “Era nosso ardente desejo dar-vos não somente o Evangelho, mas também a nossa própria vida, pois, para nós, vós sois caríssimos”.

Nasceu por volta de 956 de um príncipe da Boêmia, da nobre família dos Slavnik e de mãe alemã, Adilburga, parente do rei Henrique I. Recebeu o nome de Wojciech, que significa “socorro da força armada”, e foi destinado à vida militar, mas ainda jovem ficou muito doente, à beira da morte, e os pais fizeram uma promessa de entregá-lo a Deus se ele recuperasse a saúde.

Para cumprir a promessa e encaminhá-lo à vida eclesiástica, no ano de 972 enviaram-no para a famosa escola capitular, em Magdeburgo, colocando-o sob a proteção de Adalberto, o santo bispo daquela cidade.

Wojciech era um rapaz muito inteligente e de belo aspecto, amante dos estudos e da vida ascética. Via na promessa dos pais uma manifes-

tação da vontade de Deus e uma particular predileção da mãe de Jesus: escolhido pelo Senhor desde a sua infância para tão nobre missão, desejava corresponder-lhe com todo o zelo. O bispo, por sua vez, via em Wojciech um futuro apóstolo para evangelizar a Boêmia. O jovem correspondeu às expectativas de seu protetor e quando recebeu o Sacramento da Crisma quis mudar o nome; daí em diante, passou a ser chamado de Adalberto.

No ano de 981, retornou à sua cidade natal e naquele mesmo ano Dithmaro, primeiro bispo de Praga, ordenou-o sacerdote. A vida exemplar e a preparação intelectual, a linhagem nobre, tudo isso indicava que ele se tornaria seu sucessor.

Assim aconteceu em 982. Ao morrer o bispo, o príncipe Boleslau II, o clero e o povo de Praga o escolheram como pastor. O imperador Óton II provou a escolha e o metropolitano consagrou na ordem episcopal no dia 29 de junho de 983 em sua sede de Magonza.

O zelo do santo bispo não se limitou somente a Praga, mas estendeu-se também à Hungria, onde ele administrou o Sacramento da Crisma ao futuro rei Santo Estêvão e colaborou para que se casasse com uma princesa cristã, Gisela, irmã de Henrique II, também reconhecida como santa.

Enquanto isso, na sua terra estourava uma luta sangrenta entre duas famílias: a dos Slavnik, seus parentes, e a dos Premislidi. Sua intervenção foi inútil para restabelecer a paz; pelo contrário,

piorou ainda mais a situação, pois foi acusado de favorecer sua família. Adalberto, não querendo se envolver nessa guerra, novamente deixou Praga no ano de 996 e retornou para o convento em Roma.

O abade não só o acolheu, mas lhe confiou o encargo de prior, tão grande era a estima que ele possuía junto aos romanos. Nesse meio de tempo, Óton III estava em Roma para ser coroado imperador, conheceu Adalberto e ficou impressionado com sua cultura e santidade. Um homem de tal envergadura não podia permanecer escondido em um convento romano. Enquanto isso, o arcebispo de Magonza retornava novamente à função, pedindo ao Papa e ao imperador que enviasse Adalberto a Praga, pois ele era a única pessoa certa para aquela difícil missão.

O pobre monge teve de deixar Roma de novo e, acompanhado pelo imperador, dirigir-se para além dos Alpes. Durante a viagem ficou sabendo que não só os diocesanos não o desejavam, mas na verdade já tinham até assassinado alguns de seus parentes.

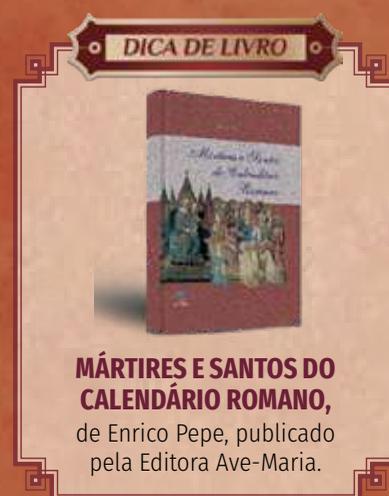
Depois de ter permanecido algum tempo junto de Óton III como seu conselheiro, aceitou o convite do príncipe Micislau para evangelizar a Polônia. Sua obra de evangelização na Polônia foi um sucesso e ele se dirigiu à Prússia Oriental, levando o Evangelho a Danzica.

Encontrava-se com os seus monges em Tenkitten quando eles foram presos pelos habitantes do local. Ele confortava assim os seus companheiros: “Irmãos, não vos entristeçais! Sabei que

sofremos estas coisas por causa do nome do Senhor: sua virtude supera todas as virtudes, sua beleza a todas as belezas, seu poder é inenarrável e sua misericórdia, extraordinária. Então, o que há de mais interessante e mais bonito que entregar nossas vidas ao dulcíssimo Jesus?”.

Suas palavras provocaram a reação do chefe dos carcereiros, que lhe deu um golpe de lança. Adalberto ainda teve forças para pedir em oração que aquele povo pudesse descobrir o amor infinito de Deus. Era 23 de abril do ano de 997. Os dois companheiros do santo foram libertados depois de um custoso resgate. O príncipe polonês resgatou também o que restava do corpo do mártir e o sepultou na cidade de Gniezno. Dois anos depois, o Papa Silvestre II o proclamou santo e no ano 1000 seu amigo imperador, Óton III, elevou Gniezno a arcebispado.

Onde quer que tenha passado, Adalberto espalhou vários conventos e seus monges souberam levar adiante com sucesso sua obra evangelizadora. ●





MELODIA
Sua

A ORAÇÃO

no Evangelho de Lucas e Atos

◆ Pe. Antônio Ferreira, cmf ◆

No Evangelho de Lucas, a oração ocupa um lugar central na vida espiritual. Para os novos fiéis, cristãos de origem pagã que não tinham a tradição de oração dos judeus, Lucas ressalta a oração como uma forma essencial de comunicação com Deus e expressão de uma fé autêntica. Em sua narrativa, a oração não é um mero ritual, mas uma prática que define a identidade da comunidade cristã e fortalece sua conexão com o divino.

Desde os relatos sobre a infância de Jesus, Lucas cria um ambiente marcado pela oração. Personagens como Zacarias (cf. Lc 1,67-79), Isabel (cf. Lc 1,41-45), Maria (cf. Lc 1,46-55), Simeão (cf. Lc 2,29-32) e Ana (cf. Lc 2,36-38) são descritos em momentos de louvor, gratidão e súplica. Nesse cenário, Lucas apresenta quatro orações que se tornaram pilares da liturgia cristã: o *Benedictus* (cântico de Zacarias, cf. Lc 1,68-79), o *Magnificat* (cântico de Maria, cf. Lc 1,46-55), o *Gloria* (dos anjos, cf. Lc 2,14) e o *Nunc dimittis* (cântico de Simeão, cf. Lc 2,29-32). Essas orações não só celebram a ação de Deus na história da sal-

vação, mas também servem como modelos para a oração pessoal e comunitária. Além disso, as palavras de Isabel a Maria (cf. Lc 1,42-45) formam a base da Ave-Maria, uma das orações mais conhecidas e recitadas na tradição cristã.

Lucas retrata Jesus como o modelo perfeito de oração

Enquanto outros evangelistas, como Marcos, mencionam a oração como uma prática habitual de Jesus (cf. Mc 1,35), Lucas amplia essa ideia, mostrando Jesus em oração em momentos cruciais de sua vida e missão. Ele ora durante seu Batismo (cf. Lc 3,21), em meio às atividades de seu ministério (cf. Lc 5,16), antes de escolher os doze apóstolos (cf. Lc 6,12), antes da confissão de Pedro (cf. Lc 9,18), na transfiguração (cf. Lc 9,29), após o retorno dos 72 discípulos (cf. Lc 10,17-21), na agonia do Getsêmani (cf. Lc 22,39-46) e na cruz (cf. Lc 23,34-36). Esses episódios revelam que a oração é o alicerce de sua missão e o meio

pelo qual Ele se alinha à vontade do Pai.

Lucas também enfatiza a oração como uma resposta vital diante de desafios e decisões importantes. Nas parábolas do amigo importuno (cf. Lc 11,5-8) e do juiz iníquo (cf. Lc 18,1-8), ele ensina sobre a persistência na oração e a confiança na justiça divina. A oração é apresentada como uma prática que fortalece os discípulos em momentos de crise, como no Getsêmani (cf. Lc 22,40). Além disso, Lucas estabelece uma conexão clara entre a oração e o Espírito Santo (cf. Lc 1,15.17; 3,21s; 10,21; 11,13), mostrando que a oração é um canal para a ação do Espírito na vida dos fiéis (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulinas, 2013, p. 112).

Nos Atos dos Apóstolos, Lucas continua a destacar a centralidade da oração na vida da comunidade cristã. Desde o início, os discípulos se dedicam à oração em comum (cf. At 1,14) e essa prática se torna uma característica marcante da Igreja primitiva. A oração é essencial tanto para os apóstolos (cf. At 6,4) quanto para toda a comunidade (cf. At 2,42),



especialmente em momentos de dificuldade (cf. At 4,23-31; 12,5; 12,12) ou de decisões importantes, como a escolha do substituto de Judas (cf. At 1,24), a nomeação dos diáconos (cf. At 6,6) e o envio de Barnabé e Paulo (cf. At 13,3).

Personagens como Pedro, João e Paulo são frequentemente retratados em oração, evidenciando que a liderança cristã está profundamente enraizada na vida espiritual. Pedro e João vão ao templo para orar (cf. At 3,1), Pedro ora antes de realizar um milagre em favor de Tabita (cf. At 9,40) e Paulo ora em momentos decisivos de sua missão, como na prisão em Filipos (cf. At 16,25) e antes de curar o pai de Públio (cf. At 28,8). Até mesmo Cornélio, um gentio, é elogiado por suas orações e esmolas (cf. At 10,4.31), demonstrando que a oração transcende barreiras culturais e religiosas.

No Evangelho de Lucas, a oração é apresentada como um pilar fundamental da vida cristã, tanto individual quanto comunitária. Ela é o meio pelo qual os fiéis se conectam com Deus, discernem

sua vontade e encontram força para superar desafios. Por meio de Jesus e dos primeiros cristãos, Lucas ensina que a oração não é apenas um ato de devoção, mas uma expressão de confiança na providência divina e uma fonte de unidade e perseverança para a comunidade. Dessa forma, a oração se torna um testemunho vivo da presença de Deus no mundo e um chamado à fé constante e à esperança em sua ação salvadora (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulinas, 2013, p. 178). ●

Imagem: bodia.studio / Freepik

CRISTO, NOSSA PÁSCOA!

◆ Dom Leomar Antônio Brustolin* ◆



A palavra “Páscoa” remonta ao ambiente semita, cujo significado é “passagem”. Povos antigos, de tradição agrícola, festejavam a passagem do inverno e a chegada da primavera. Na claridade da lua cheia, os pastores imolavam os primeiros cordeiros, acreditando que esse sacrifício asseguraria proteção contra as influências do mal. Comiam a carne numa refeição familiar que cultuava os laços de parentesco e da tribo.

O povo judeu deu um novo sentido a essa passagem. Na entrada da primavera celebravam a Páscoa fazendo memória do anjo que passou pelas portas das casas dos hebreus, marcadas pelo sangue dos cordeiros e que poupou da morte os primogênitos deles antes da travessia do mar Vermelho, quando foram libertados

AVE MARIA

PERIODICO DEDICADO A' IMMACULADA VIRGEM MÃE DE DEUS

ANNO I.

São Paulo, 24 de Dezembro de 1898

NUM. 15.

EXPEDIENTE

A correspondencia da AVE MARIA deve ser endereçada para a rua Jaguaribe, 47.

Acceptamos a collaboração das senhoras e dos cavalheiros que com ella nos quizerem honrar, observando nosso programma.

Unico remedio.

Nossa querida patria está passando e ha de passar muitas outras vezes, por grandes tribulações, e por grandes perigos, e por grandes angustias, e por grandes dores, e por grandes luctos, e por grandes tristezas, e por grandes desesperos, e por grandes desesperanças, e por grandes desesperanças...

ções publicas! Pois é esta apostasia que, á semilhança dum carcinoma histophago, nos está desorganizando, e nos aniquillará por completo, a menos que reconhecamos a tempo *ser preciso que Christo reine* (3) sobre as familias e sobre todas as instituições; pois como dizia Chateaubriand, ao exhalare o ultimo suspiro, *só Elle poderá salvar a sociedade moderna.*

E' desenganar; *em nenhum outro se encontra salvação; porque nenhum outro nome debaixo do*

das ruins paixões ou lhes tira a nocividade.

Ha muitas escolas, é verdade, onde se ensina *o accessorio* e até *o superfluo* á sociedade; mas não *o principal, o necessario.* Aos que dellas sabem falta-lhes o que faltaria ao vinjor, que ignorasse duas cousas: *donde vem e para onde vai.* Sabem tudo, porém *não sabem viver;* sabem tudo, mas *não sabem dirigir-se;* e quando, ao palmilharem a estrada da vida, têm de optar entre o bem e o mal, vêm erguer-se diante d'elles a grande pergunta: *onde está o bem e onde está o mal?*

Revista Ave Maria:

127
anos
de fé,
evangelização
e amor à
Mãe de Deus

Imagem: revistaavemaria.com.br

◆ Renata Moraes* ◆

Um folheto simples, sem grandes pretensões jornalísticas, mas que já nasceu consagrado à Mãe de Deus. Com apenas quatro páginas e 300 exemplares, em 28 de maio de 1898, nascia aquela que seria um dos principais veículos de comunicação e evangelização católica do Brasil: a *Revista Ave Maria*. Desde então, seu compromisso tem sido levar a Palavra de Deus aos lares brasileiros, fortalecendo a fé e a devoção mariana.

“Inspirada na passagem bíblica da visitação de Maria à sua prima Isabel, surge querendo que cada exemplar fosse a mesma Virgem Imaculada que visitasse cada família de assinantes para presentear aquele lar com o maior de todos os presentes: Jesus!”, descreveu o Padre Luís Erlin, CMF, Diretor Editorial da *Revista Ave Maria*.

Formação cristã, oração e devoção mariana em mais de um século de história

Seu surgimento ocorreu em um momento de mudanças no Brasil, com a Proclamação da República em 1889 e a crescente laicização do Estado. Em resposta, a Igreja investiu na imprensa como meio de evangelização, e a *Revista Ave*

Maria surgiu da iniciativa dos paroquianos do Imaculado Coração de Maria, sendo posteriormente assumida pelos Missionários Claretianos.

A *Revista Ave Maria* tem sido um referencial de formação cristã para gerações de leitores, levando reflexões espirituais, catequese, orações, testemunhos de fé e artigos que ajudam os católicos a aprofundar sua relação com Deus e com a Virgem Maria.

Mais do que um periódico religioso, a *Revista Ave Maria* tem sido uma companheira espiritual para gerações de brasileiros. Seu conteúdo – que inclui reflexões bíblicas, histórias de santos, testemunhos de conversão, orações e orientações doutrinárias – tem ajudado inúmeras pessoas a fortalecer sua fé em momentos de alegria e adversidade.

Digital e gratuita: a revista que continua a evangelizar no século XXI

Atenta às transformações da sociedade e aos avanços na comunicação, a *Revista Ave Maria* passou a ser exclusivamente digital em janeiro de 2021, tornando-se gratuita e acessível a leitores do mundo todo.

A revista digital oferece maior alcance, permitindo que qualquer pessoa com acesso à internet a leia de qualquer lugar. Além disso, elimina o uso de papel, contribuindo para a sustentabilidade. Para aqueles que desejam revisitar edições passadas e conhecer a evolução da revista ao longo dos anos, todo o acervo está disponível on-line, permitindo acesso a mais de um século de história com apenas um clique.

Em 127 anos de existência, a *Revista Ave Maria* tornou-se um verdadeiro patrimônio da imprensa católica brasileira, mantendo-se fiel à visão de Santo Antônio Maria Claret: “Evangelizar por todos os meios possíveis, sempre atento ao mais urgente, oportuno e eficaz”.

Celebramos essa história com gratidão a todos os leitores que, geração após geração, encontraram nas páginas da revista um instrumento de fé e formação espiritual. Que a *Revista Ave Maria* continue sendo um canal de graças, iluminando os caminhos de tantos corações por muitos anos mais. ●

*Renata Moraes é Assessora de Comunicação da Editora Ave-Maria.

O ANO SANTO E A PARÓQUIA

◆ Pe. Flávio José Lima da Silva, sjc* ◆

Estamos celebrando o Jubileu da Esperança convocado pelo Papa Francisco, pois a Igreja celebra 2025 do nascimento do Nosso Senhor Jesus, é um ano santo da graça do Senhor. O Sumo Pontífice conclama os católicos para viver intensamente esse jubileu e assim assumir a missão de peregrinos da esperança, pois é urgente nas paróquias e na sociedade como um todo anunciar e testemunhar a esperança que é Jesus Cristo, nosso Salvador.



“Peregrinos da esperança” como tema do jubileu apresenta uma proposta bastante pertinente para refletirmos sobre o nosso ser na igreja e na sociedade



É um tema que nos provoca para, de fato, vivermos o nosso Batismo. Ao compreendermos nosso papel na comunidade cristã, percebemos que somos discípulos e discípulas peregrinos no anúncio da Boa-Nova do Reino, sendo chamados vivos da esperança em todos os espaços em que atuamos.

Esse tempo da graça do Senhor é preciso vivê-lo com intensidade, tendo em vista que a cada 25 anos ordinariamente, ou quando julgar necessário, extraordinariamente, o Santo Padre institui um ano jubilar para toda Igreja celebrar com profunda fé e piedade. Com isso, todas as arquidioceses, dioceses, paróquias, comunidades, enfim, toda a Igreja espalhada

nos quartos cantos da Terra deve aproveitar bem esse tempo para o fortalecimento da fé e do compromisso cristão.

As paróquias precisam aproveitar de forma efetiva o ano santo. É muito importante participar das grandes celebrações, em nível internacional, nacional, regional, arquidiocese e diocese, faz-se necessária a peregrinação até a porta santa, tudo isso é muito válido, no entanto, é primordial também que cada fiel busque viver o ano jubilar em sua realidade paroquial, em sua comunidade de base, no movimento ou pastoral em que participa.

Para isso acontecer, os padres, religiosas e religiosos, junto com as lideranças das comunidades, pastorais e movimentos, devem programar momentos de espiritualidade, formações e celebrações inerentes ao jubileu para fazer com que todos os paroquianos participem e vivam o ano santo de forma concreta e com isso tornando-se, de fato, peregrinos da esperança.

Por fim, como peregrinos da Jerusalém Celeste, vivendo o nosso Batismo, busquemos na nossa realidade paroquial viver com fé, piedade e amor este ano santo convocado pelo Papa Francisco e assim transmitir por onde passarmos a esperança que nos salva, Jesus Cristo, nosso Salvador, fazendo com que outras pessoas se tornem também peregrinas da esperança. ●

***Padre Flávio José Lima da Silva, sjc** é sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Atua como vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade-satélite do Gama (DF).

Jeciandro Pessoa

CA

TE

QUIS

TA

Como pensar no discernimento vocacional e na formação humana do catequista

COMO PENSAR NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL E NA FORMAÇÃO HUMANA DO CATEQUISTA

♦ Jeciandro Pessoa* ♦

A vocação cristã comum de cada pessoa tem como pano de fundo o chamado a ser filho de Deus, recebida no Batismo, e à vida do Ressuscitado, que se comunica mediante os sacramentos. A “vocação à santidade” corresponde a uma resposta filial à via da verdade e da felicidade, que é Cristo (*Diretório Geral para a Catequese*, n. 83-84). No âmbito dos ministérios e serviços da missão evangelizadora da Igreja, o “ministério da catequese” é indispensável para o crescimento da fé. O ministério da catequese “introduz à fé e, juntamente com o ministério litúrgico, gera os filhos de Deus no seio da Igreja” (*Diretório Geral para a Catequese*, n. 110).

Papa Francisco, em 2021, ao publicar a Carta Apostólica sob forma de *motu proprio*, *Antiquum Ministerium*, pela qual se institui o Ministério de Catequista, inicia apresentando a historicidade deste dom para a vida da Igreja. Não se trata de algo novo, estranho para a Igreja, mas de um carisma que se desenvolveu ainda na era apostólica, com formas próprias no seio da comunidade. “Ministério antigo é o de Catequista na Igreja. Os teólogos pensam, comumente, que se encontram os primeiros exemplos já nos escritos do Novo Testamento”, disse o Papa.

A vocação de Catequista é um carisma singular na vida da Igreja; o serviço é a forma de viver esse carisma. A tríplice dimensão da missão (instrução, exortação, testemunho) se faz importante atualmente. O catequista é chamado a instruir aquela porção do povo de Deus confiada a si, com conhecimento e testemunho de vida. Isso só é possível quando não se deixa “perder de vista o nosso ponto de partida”, aquele encontro pessoal com Cristo que preenche a vida de sentido (*Evangelii Gaudium*, n. 1).

Em 2020, ao ser publicado o novo Diretório para a Catequese, a Igreja nos convida a refletir sobre os quatro pilares da formação do catequista: saber ser, saber ser com, saber e saber fazer (*Diretório Geral para a Catequese*, n. 136). Iremos nos aventurar em

duas dimensões: dimensão vocacional (saber ser) e a dimensão da formação humana (saber ser com), fazendo sempre um paralelo entre as duas para, assim, correspondermos, pouco a pouco, àquilo que a santa Mãe Igreja nos convida a aprofundar, ou seja, a vocação e missão de catequista.

Com a publicação da Carta Apostólica sob forma de *motu proprio*, *Antiquum Ministerium*, o Papa exorta o seguinte: “Este ministério possui uma forte valência vocacional, que requer o devido discernimento” (*Antiquum Ministerium*, n. 8), fazemos as seguintes perguntas:

- ▶ Como tem sido o acompanhamento dos novos catequistas?
- ▶ Existe um discernimento vocacional?
- ▶ Estão cientes de tão grande missão?
- ▶ Dos desafios?
- ▶ Da fidelidade a Cristo e Sua Igreja?

Em virtude dos fatos e indagações mencionadas, nosso livro: *Como pensar no discernimento vocacional e na formação humana do catequista* busca trabalhar as duas primeiras dimensões da formação da pessoa do catequista, conforme o novo *Diretório para a Catequese*: saber ser e saber ser com. Trabalharemos duas áreas do conhecimento: Teologia da Vocação e Logoterapia. A primeira delas iremos abordar o mais profundo do sentido da vocação cristã à luz da fé; para isso, recorreremos a grandes homens e mulheres da fé que compreenderam perfeitamente o sentido primordial da vocação. Por conseguinte, iremos fazer uso da logoterapia. A “logoterapia considera sua tarefa ajudar [...] a encontrar sentido em sua vida.” ●

***Jeciandro Pessoa** é autor do livro *Como pensar a catequese a partir da família*. Atualmente, trabalha com formação de catequista pelo projeto “Pensar Catequese”.

SEMANA SANTA:

A CAMINHADA CRISTÃ GUIADA PELO AMOR, FÉ E REFLEXÕES

◆ Cintia Lopes ◆



Imagem: iweriya saiteem / Freepik

É chegada um dos momentos mais representativos para o povo católico: a Semana Maior, tempo de celebração e, especialmente, de profunda reflexão. É o amor e a fé que geram esperança para novos tempos por meio da Semana Santa e do triunfo de Cristo sobre o pecado. Sobretudo: o amor. “O Tríduo Pascal é o centro da caminhada cristã. Neste mistério do Senhor está o sentido da nossa caminhada salvífica, a beleza da nossa fé e a razão da nossa esperança. Em linguagem simples, significa provar o amor. Aquele amor que, sem mérito algum de nossa parte, se revelou quando o Verbo assumiu nossa pequenez no ventre da Bem-Aventurada Virgem Maria e, no Natal, se mostrou ao mundo na figura dos pastores humildes. Na Semana Santa, culminamos esse projeto de amor eterno”, define Pe. Rodolfo Chagas Pinho, Assessor Nacional da Comissão Episcopal para a Vida e a Família da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Padre Rodolfo ressalta ainda a importância da família nesse processo de catequese. “A família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos. É uma tarefa ‘artesanal’”, reforça. Assim como afirma o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (n. 16): “A Bíblia considera a família também como o local da catequese dos filhos.” Vê-se isso claramente na descrição da celebração pascal (Ex 12,26-27; Dt 6,20-25) – mais tarde explicitado na *haggadah* judaica –, concretamente no diálogo que acompanha o rito da ceia pascal. Eis como um Salmo exalta o anúncio familiar da fé: ‘O que nós ouvimos, o que aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não ocultaremos a seus filhos; mas vamos contar à geração seguinte as glórias do Senhor, o seu poder e os prodígios que operou. Ele estabeleceu uma regra em Jacó, pôs uma lei em Israel; ordenou a nossos pais que a ensinassem a seus filhos, para que tomasse conhecimento a geração seguinte, a dos filhos que vão nascer, que por sua vez dirão a seus filhos’ (Sl 78/77,3-6).

Para Padre Rodolfo, é essencial ainda que o anúncio, a mensagem maior e a propagação da Palavra ressoem de forma contínua. “É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro

anúncio: ‘Jesus Cristo ama você, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar.’”

São justamente nesses dias centrais do mistério pascal de Cristo que a consumação da salvação se manifesta desde sua encarnação, quando o Filho inicia o caminho do amor. “O Senhor nosso Deus demonstrou seu amor infinito pela humanidade e ofereceu a todos a oportunidade de se reconciliar com Ele. Esses eventos são considerados os ‘dias centrais da fé’ porque revelam a essência do amor e da misericórdia de Deus, que é a doação total, sem esquecer que esse amor perpassa todo o mistério desde a encarnação, sua vida pública até chegar à consumação pascal. Além disso, a salvação da humanidade não é apenas um evento passado, mas também um processo contínuo que se desenrola na vida dos fiéis”, explica Pe. Rodolfo.

Por meio das celebrações do Tríduo Pascal, os católicos são convidados a se unir a Cristo em sua vitória sobre o pecado e a morte e a viver sua própria vida de acordo com os valores do Evangelho. “É urgente voltarmos ao Evangelho. Nossa fidelidade à Palavra nos fará crescer como discípulos, pois a



Padre Rodolfo Chagas Pinho.

Imagem: schoenstatt.org.br

missão da Igreja é, a partir de Jesus Cristo, levar todos a um encontro pessoal com Ele”, destaca.

Colocar-se novamente nos trilhos da esperança e da fraternidade para um retiro interior no período quaresmal é uma das formas de retomar a caminhada de fé e voltar o coração ao Senhor. A humanidade é convidada a transformar sua vida, deixando-se “cristificar” e assumindo, de fato, seu caráter batismal de renascer como nova criatura. “Isso se dá em um processo de inspiração catecumenal que todo ser humano deve percorrer, acompanhado de alguém já iniciado à vida cristã, que já experimentou o amor de Deus e agora o anuncia”, indica.

Uma outra possibilidade é a dedicação de um maior tempo às leituras e à oração. “Leitura orante da Palavra, vida sacramental e momentos de silêncio em meio a tantos barulhos da vida, para não nos deixarmos levar pela fé apenas como um código de ética, e sim pelo que de fato ela é: uma pessoa, Jesus Cristo”, explica o padre.

Para Padre Rodolfo, a ressurreição de Cristo ensina que somos a Igreja daquele que foi crucificado e agora vive, o Ressuscitado. Portanto, viver de acordo com tal identidade é a nossa missão. “Sigamos firmes e em comunidade, fortalecidos na fé, alegres na esperança e solícitos na caridade. Sejamos anun-

ciadores de um Deus vivo, e não de estruturas que não convertem os corações. Em Cristo Jesus, somos integralmente humanos”, conclui.

A importância de iniciar a caminhada de fé desde a primeira infância é algo que se carrega até a vida adulta, como recorda Padre Jair Costa, da Comissão Episcopal para a Liturgia – Setor Música Litúrgica, da CNBB. Quando era um jovem seminarista, cursando o último ano do estágio pastoral, Pe. Jair ouviu uma simples explicação que define bem o significado do Tríduo Pascal. “Os três dias principais da Semana Santa, juntos, constituem a celebração da Páscoa: Quinta-feira Santa, a Páscoa da Ceia; Sexta-feira da Paixão, a Páscoa da Cruz; Sábado Santo, a Páscoa da Vida. Ao ligar o termo ‘Páscoa’ à sua raiz mais antiga (do hebraico *pessach*, passagem), amplia-se o conceito: Jesus passa pela Ceia, passa pela Cruz e, na Ressurreição, sua vida não passa mais, permanece para sempre!”, recorda.

E a música, por meio dos cantos específicos de cada uma dessas celebrações, evidencia essa dimensão de passagem. A seguir, Padre Jair reflete sobre a importância de celebrar cada passagem desses dias com os cantos correspondentes. Na Missa Vespertina da Ceia do Senhor, um dos cantos específicos é: “Jesus, erguendo-se da Ceia, jarro e bacia tomou.



imagem: cnbb.org.br

Padre Jair Costa e a Equipe de Reflexão de Música Litúrgica.

Lavou os pés dos discípulos, este exemplo nos deixou.” Retomar o Evangelho proclamado, cantando no momento ritual do lavapés, nos traz para dentro do mistério celebrado. Em cada irmã e irmão que ali tem seus pés lavados, estão os discípulos da última ceia. Estamos cada um de nós que ali celebra. Jesus nos lava os pés, nos dá o seu “novo mandamento”; deixa, ao partir, “nova lei: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” Sua Páscoa, na Ceia, é passagem pela doação da vida, simbolizada pelo gesto de lavar os pés, e pão e vinho entregues como seu Corpo e Sangue.

Na Sexta-feira da Paixão, na procissão de adoração da Cruz, temos outro dos mais belos cantos específicos desses dias, o hino “Fiel Madeiro”. O momento ritual em que esse canto é entoado é a adoração da cruz. Enquanto a comunidade se aproxima devotamente para seu gesto de adoração, o canto recorda as cenas bíblicas que evocam a Paixão e a Páscoa.

Rituais cantados. Assim, Padre Jair define os grandes momentos celebrados ao longo da Semana Santa e que marcam a passagem do Senhor e tudo o que Ele representa para os cristãos. “Que nesta celebração da Páscoa possamos contemplar, pelos cantos e ritos específicos, a passagem do Senhor em nossa vida pessoal, comunitária e social; e possamos refletir a luz da vida nova, da Ressurreição, em nossas atitudes e decisões”, celebra.●



Imagem: user12405714 / Freepik

7

ATOS DE CARIDADE PARA OS AGENTES DE PASTORAIS NA QUARESMA

◆ Fabiano Fachini* ◆

Imagem: blacksalmon / Freepik

A Quaresma é um tempo especial de conversão, oração e caridade. Para os agentes pastorais, que dedicam suas vidas ao serviço da Igreja e da comunidade, esse período é uma oportunidade de renovar o compromisso com a missão. Pequenos gestos podem fazer uma grande diferença na caminhada pastoral e no testemunho de fé. Confira sete atitudes que podem fortalecer sua vivência quaresmal.

1. SORRIR DIANTE DA MISSÃO

Sorria! Um agente de pastoral é chamado a transmitir a alegria do Evangelho. Seu sorriso pode iluminar o dia de alguém e tornar a missão ainda mais frutuosa: “O coração alegre aformoseia o rosto, ao passo que a tristeza do coração abate o espírito” (Pv 15,13).

2. SER GRATO

A gratidão transforma o coração! Agradeça sempre àqueles que colaboram e se doam na missão. Um simples “obrigado” fortalece os laços comunitários: “Dai graças ao Senhor, porque

Ele é bom, porque sua misericórdia é eterna” (Sl 118,1).

3. ESCUTAR COM O CORAÇÃO

Ouçã o próximo com atenção e empatia, com os “ouvidos do coração” como ensina o Papa Francisco. Escutar verdadeiramente é um ato de amor que fortalece a comunhão: “Todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Ti 1,19).

4. AMAR EM PALAVRAS E AÇÕES

Demonstre seu amor por aqueles que caminham com você na missão. Diga e mostre que eles são importantes, seja por meio de palavras, gestos ou atitudes concretas: “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade” (1Jo 3,18).

5. RECONHECER E VALORIZAR

A missão é feita em conjunto! Reconheça o esforço e a dedicação dos irmãos na pastoral. A valorização fortalece e motiva cada agente a seguir em frente:

“Animai-vos, e fortalecei-vos, vós todos que esperais no Senhor” (Sl 31,25).

6. SER PARCEIRO

Esteja ao lado dos que precisam. Um pequeno gesto, como uma palavra de ânimo ou um simples sorriso, pode mudar o dia de alguém. Seja presença amiga e motivadora: “Levai os fardos uns dos outros e, deste modo, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2).

7. CORRIGIR COM AMOR

A correção fraterna deve ser feita com amor, respeito e misericórdia. Corrigir é também perdoar, acolher e seguir juntos na missão: “Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente. Se te ouvir, terás ganho teu irmão” (Mt 18,15).

Uma santa e abençoada Quaresma para todos! ●

***Fabiano Fachini** é formado em Comunicação Social-Jornalismo e possui MBA em *Marketing*. Realiza palestras e *workshops* pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu *Instagram*, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.

O ESPÍRITO SANTO É A ALMA DA IGREJA

◆ Rosa Maria Dilelli Cruvinel* ◆

Nos dias atuais, em que estão presentes ideologias profundamente materialistas e ateias, mostra-se urgente e necessário levar a luz do conhecimento do Espírito Santo a fim de que, como Mestre e Senhor, renove a fé e a esperança dos cristãos que sofrem angustiados com as dores do tempo presente e não fazem a experiência com o Espírito Consolador.

O Espírito Santo é a alma da Igreja, corpo místico de Cristo, pois Ele age nela assim como a alma age no corpo. Com efeito, “O Espírito edifica, anima e santifica a Igreja. Espírito de amor, ele dá aos batizados a semelhança divina perdida por causa do pecado e os faz viver em Cristo a vida mesma da Trindade Santa”, ensina a Santa Igreja (*Compêndio*, 145). Como Mestre interior, Ele guia para a verdade e com sua unção fala por dentro dos corações instruindo sobre os mistérios de Deus, ensinou Santo Agostinho à Santa Igreja, disse Congar (cf. Agostinho, 2005 *apud* Congar, 2005, p. 144b).

Como acontece esse “toque” do Espírito de Deus, capaz de vivificarmos, de fato? A fé em Jesus, a oração, especialmente a litúrgica, a Palavra de Deus e os sacramentos são os meios essenciais para sermos vivificados pelo Espírito Santo. Para recebê-lo, as Sagradas Escrituras deixam entrever alguns passos para chegar ao novo nascimento no Espírito, a partir do que disse Jesus. São eles: querer, crer em Jesus e pedir. Assim disse o Senhor: “Quem tem sede, venha a mim; e beba. Quem crê em mim, como diz

a Escritura, do seu seio fluirão rios de água viva” (Jo 7,39). O Evangelista esclarece o que disse o Senhor: Jesus dizia isso se referindo ao Espírito, que haveriam de receber os que nele acreditassem. Jesus também prometeu o dom do Espírito mediante a oração: “O pai dará o Espírito Santo aos que o pedirem” (Lc 11,13). Foi assim que Ele mesmo recebeu o dom do Espírito Santo (cf. Lc 3,21-22).

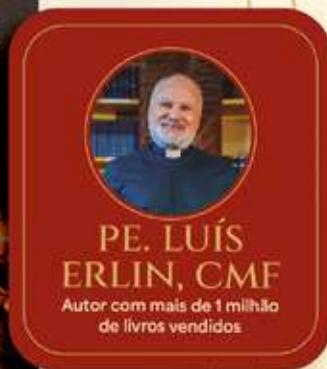
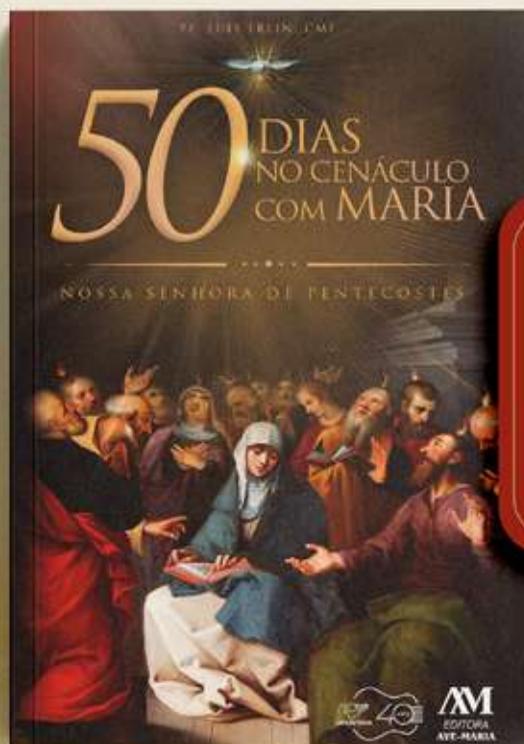
O saudoso Papa João Paulo II, em sua Encíclica *Dominum et Vivificantem*, fez uma profunda reflexão sobre o Espírito Santo, na qual revelou com maestria como acontece esse toque vivificador do Espírito na vida da Igreja e no homem. O ponto principal presente nela é entender que o Espírito Santo é um dom. Ele é uma pessoa-dom: é dom do Pai e é dom do Filho que nos foi dado por meio de sua obra redentora na cruz. O Espírito é, portanto, dom, e ao mesmo tempo é “Senhor que dá a vida”, assim a Igreja professa sua fé nele (Encíclica *Dominum et Vivificantem*, 2; 10).

A obra do Espírito Santo que de fato vivifica nossas vidas só se realiza por causa e mediante o evento pascal, cruz e ressurreição de Jesus, conforme se atesta na encíclica, a seguir: “Cristo ressuscitado, como que dando início a uma nova criação, ‘traz’ aos apóstolos o Espírito Santo. Trá-lo à custa da sua ‘partida’; dá-lhes o Espírito como que através das feridas da sua crucifixão: ‘Mostrou-lhes as mãos e o lado’. É em virtude da mesma crucifixão que Ele lhes diz: ‘Recebei o Espírito Santo’” (Encíclica *Dominum et Vivificantem*, 24).



JUNTO COM MARIA, PREPARA-SE PARA PENTECOSTES!

Conheça a obra que promete enriquecer sua fé e aproximar você do sagrado. Este livro oferece um caminho para um encontro mais íntimo e profundo com o Espírito Santo.



"50 Dias no Cenáculo com Maria" é um convite para vivenciar a fé de maneira renovada e profunda.

Adquira seu exemplar em avemaria.com.br



INOVAÇÃO A SERVIÇO DA IGREJA:

Inteligência Artificial como
aliada na **evangelização!**

LANÇAMENTO

DOM EDSON ORIOLO

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

como ferramenta
de **evangelização**



Garanta seu exemplar em:
www.avemaria.com.br

A PÁSCOA,

NOSSA ESPERANÇA

◆ Pe. Diego Lelis, cmf ◆

Imagem: biblical_images / Freepik

“Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão.
E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e
como por eles foi reconhecido no partir do pão.”

(Lc 24,34-35)

Vitorioso, ressuscitou
E, após três dias, à vida Ele voltou.
Ressuscitado, não morre mais,
Está junto do Pai, pois Ele é o Filho eterno.
Mas Ele vive em cada lar
E onde se encontrar um coração fraterno.
(Padre Zezinho)

A Páscoa de Cristo é o centro da nossa fé cristã. A ressurreição de Jesus não foi apenas um acontecimento do passado, mas a prova de que o amor de Deus é mais forte do que a morte e continua agindo em nossa vida e história. O Pai, em sua misericórdia e poder, ressuscitou Cristo para mostrar ao mundo a sua glória e dar sentido à nossa vida e à nossa fé. Como nos lembra São Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vã e é vã a vossa fé.” (1Cor 15,14)

Já no início da Igreja, os seguidores de Cristo — os homens e mulheres do Caminho, como eram conhecidos — testemunharam essa grande verdade. Pedro proclamou com coragem: “Foi esse Jesus que Deus ressuscitou, e todos nós somos testemunhas disso.” (At 2,32). Eles viram o Senhor vivo, caminharam com Ele, ouviram sua voz. E essa experiência transformou suas vidas. A ressurreição também precisa transformar a nossa vida hoje, assim como mudou a vida dos primeiros cristãos. Não podemos viver como se tudo terminasse aqui. Em Cristo, Deus nos chama para algo maior!

A ressurreição foi a força que mobilizou os cristãos. Ela deu coragem aos discípulos para anunciar Cristo, mesmo diante da perseguição, da rejeição e, muitas vezes, à custa da própria vida. Eles não podiam mais conter a alegria de saber que a morte foi vencida, de que seu Senhor estava vivo. O Cristo ressuscitado não estava mais restrito a um tempo ou a um espaço; Ele estava presente em toda parte. Sua presença se fazia sentir na pesca do dia a dia, no partir do pão, na partilha da Palavra, na caminhada para Emaús e no coração de todos os que fizeram a experiência viva da ressurreição.

A Páscoa é um convite à renovação. Cristo venceu a morte para que também possamos vencer tudo aquilo que nos afasta d’Ele. Como diz São Paulo: “Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto.” (Cl 3,1). É tempo de abandonarmos tudo o que pesa: o desânimo, o medo, as angústias. É tempo de ressuscitarmos a esperança, a fé, a alegria de viver e de amar.

Neste ano de 2025, a Igreja celebra o Jubileu da Esperança, um tempo especial de graça e renovação espiritual. A ressurreição de Cristo nos convida a viver essa esperança jubilar com intensidade. Assim como os primeiros cristãos foram impulsionados pela certeza do Cristo vivo, também nós somos chamados a renovar nossa fé e nosso compromisso com o Evangelho. Somos o povo da ESPERANÇA. O Jubileu nos lembra que a misericórdia de Deus é infinita e que, por meio da ressurreição, temos a garantia de que o amor divino triunfa sobre todo o mal. A ressurreição de Jesus nos assegura que a morte não tem a última palavra. Ele mesmo nos prometeu: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.” (Jo 11,25). Essa promessa nos enche de esperança! Nós também somos chamados a ressuscitar um dia e a viver para sempre com Deus.

Nesta Páscoa, deixemos Cristo transformar nossos corações. Que possamos abandonar o que nos prende e abraçar a novidade de vida que Ele nos oferece. Que a alegria da ressurreição nos dê força para vivermos com mais amor, mais esperança e mais fé.

Cristo ressuscitou! Verdadeiramente ressuscitou!
Aleluia! ●



Imagem: Montagem / Wikipedia

A FESTA DA DIVINA MISERICÓRDIA E SÃO JOÃO PAULO II

◆ Nayá Fernandes ◆

Celebrada todos os anos no segundo domingo de Páscoa, a Festa da Divina Misericórdia foi instituída pelo Papa João Paulo II no ano 2000 e é uma oportunidade para os fiéis prestarem homenagem à Misericórdia Divina e viverem a experiência da misericórdia de Deus no dia a dia.

A Festa tem suas raízes nas revelações de Jesus a Santa Faustina Kowalska, religiosa polonesa que recebeu, por volta dos anos 1930, mensagens contínuas de Jesus e as escreveu em um diário de 600 páginas. Nesses textos, ela reforçou a mensagem de que o mundo precisava e continuará sempre precisando da misericórdia de Deus.

Esse movimento deu origem à Hora da Misericórdia, momento em que cristãos e não cristãos dedicam alguns minutos do dia para se conectar com Deus por meio de uma oração repetitiva como, por exemplo, o rosário.

Realizada diariamente às 15 horas, a Hora da Misericórdia marca a reflexão sobre a Paixão de Cristo e a infinita misericórdia de Deus. Ela também foi iniciada por Santa Faustina, que foi instruída durante suas revelações a divulgá-la como um meio de pedir a misericórdia divina, e a prática se tornou parte da devoção católica.

“MISERICÓRDIA É LEI!”

Em 2015, o Papa Francisco publicou uma bula papal durante o Jubileu da Misericórdia. No texto, ele afirma que a misericórdia é

“fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro”.

O Pontífice considerou a misericórdia como lei fundamental para o bem viver. “É a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”, escreve.

São João Paulo II, por sua vez, recordou em sua carta encíclica “Sobre a Misericórdia Divina”, escrita em 1980, que “Deus é Pai, amor e misericórdia e que as parábolas são essenciais para compreender a misericórdia de Deus”.

“Jesus faz da mesma misericórdia um dos principais temas da sua pregação. Como de costume, também neste ponto ensina antes de mais em parábolas, porque exprimem melhor a própria essência das coisas. Basta recordar a parábola do filho pródigo, ou a parábola do bom samaritano, ou ainda, por contraste, a do servo sem compaixão”, recordou.

Ele salienta, ainda, que a mentalidade contemporânea, talvez mais do que aquela do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e negar a própria ideia da misericórdia. “A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar no ser humano, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica, nunca verificado na história, se tornou senhor da Terra, a subjuguou e a dominou. Tal domínio sobre a Terra, entendido por vezes de forma unilateral e superficial, parece não deixar espaço para a misericórdia”, explica São João Paulo II.



Imagem: Wikipedia

Santa Faustina Kowalska.



Padre João Henrique e padre Antonello - fundadores da Comunidade Aliança da Misericórdia.

PERDÃO, HUMILDADE E CARIDADE

Julio Araujo Silva Figueredo Neto, conhecido como Diácono Julio Neto, é membro da Comunidade Aliança de Misericórdia há 25 anos e participou do retiro fundacional da comunidade. Responsável pelo Departamento de Comunicação da Aliança de Misericórdia, ele atua também como evangelizador por meio de pregações em várias partes do Brasil e no exterior.

O missionário recordou que a Festa da Divina Misericórdia tem, sim, suas bases muito fortes nas revelações recebidas por Santa Faustina e sua experiência mística com Jesus Misericordioso. Ele citou também o Ano Jubilar, proclamado pelo então Papa João Paulo II em 2000, mas completou: “Mais do que proclamar um Jubileu, o Papa ligou de uma forma muito direta a própria encarnação do Verbo de nosso Senhor Jesus Cristo como

esse grande sinal da misericórdia de Deus, um tempo de penitência”.

Para Julio, o Ano Jubilar é, acima de tudo, “um tempo que nos ajuda a viver a penitência, mas no sentido, principalmente, do perdão. Do perdão das dívidas, do perdão dos pecados”.

Ele contou também que esteve na Polônia e chegou a concelebrar no Santuário da Divina Misericórdia e no Santuário de São João Paulo II: “Pude compreender melhor, estando lá, a história de Santa Faustina e como ela viveu, de fato, a sua santidade, num caminho de muita humildade, de muita simplicidade. Santa Faustina era uma irmã consagrada muito simples, estava sempre entre os trabalhos mais humildes”.

“É bom e importante ressaltar que, para receber, experimentar, viver a misericórdia, é preciso ter a humildade e abrir o coração,

porque a misericórdia de Deus vem ao encontro da miséria humana”, disse Julio.

Inspirado pelo Papa, Julio afirma que uma das faces do rosto da misericórdia é a caridade: “A caridade que nos leva a conduzir a misericórdia para as outras pessoas, porque nós experimentamos também dessa misericórdia, e essa misericórdia é levada aos nossos irmãos”.

“Ser um rosto da misericórdia é ter a coragem de ir ao encontro do sofrimento do outro: do sofrimento físico, mental, psíquico, emocional, do sofrimento e da dificuldade de não ter o que comer, o que vestir, onde dormir, de ter uma casa. Ir ao encontro do sofrimento do outro é um encontro com aquele que sofre, no mais profundo sentido bíblico da palavra ‘pobre’”, enfatizou Julio.

A HORA DA MISERICÓRDIA

Eterno Pai, eu vos ofereço o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. Pela sua dolorosa paixão que tem de misericórdia de nós e do mundo inteiro.

Segundo a promessa de Jesus a Santa Faustina, exatamente às três da tarde, as comportas do céu se abrem: a Hora da Divina Misericórdia marca, simbolicamente, o momento em que Jesus dá a vida por nós na cruz.

Julio, missionário da Comunidade Aliança de Misericórdia, explica que, para ele, a melhor forma de viver esse momento da Hora da Misericórdia é concentrar-se diante de Jesus Misericordioso, seja pela reza do Terço da Misericórdia, seja colocando-se diante da cruz ou mesmo de alguma representação de Jesus Misericordioso.

“Jesus definitivamente nos liberta da escravidão da morte e nos dá a vida. Então, rezar o Terço da Divina Misericórdia, viver a

Hora da Misericórdia, é contemplar com alegria, amor e profundidade o mistério salvífico de nosso Senhor Jesus Cristo, que derrama sobre nós o sangue e a água, que fazem com que possamos contemplar, lembrar e saber que Ele é o Senhor que deu a vida por nós”, disse Julio.

Para Vanessa dos Santos Tinelli, também missionária de vida da Aliança de Misericórdia e diretora social, no instante da Hora da Misericórdia, “todos somos chamados a pedir misericórdia para o mundo inteiro. A oração do Terço da Misericórdia, a meditação da Paixão de Cristo e os atos concretos de amor são formas poderosas de viver esse momento de graça”.

“Mas não paramos na oração” – continua ela – “buscamos fazer dessa súplica um compromisso de vida. Quando acolhemos um irmão em situação de rua, quando olhamos nos olhos de um pobre sem medo ou preconceito, quando nos doamos sem reservas, estamos estendendo a misericórdia que brota do coração de Cristo. Ser misericórdia é se aproximar sem medo, ouvir sem pressa, amar sem medidas”.

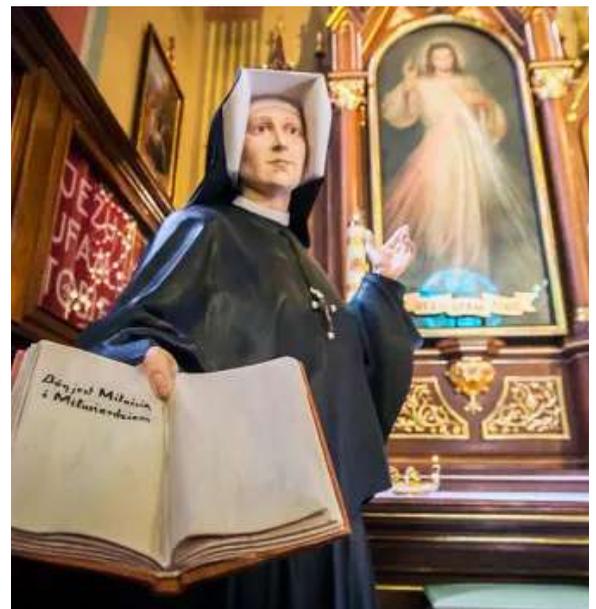


Imagem: Mazur / catholicnews.org.uk via Igreja Católica Inglaterra e País de Gales / Alética

DICAS PARA VIVER MELHOR A HORA DA MISERICÓRDIA (ÀS 15H), SEGUNDO SÃO JOÃO PAULO II E SANTA FAUSTINA:

1. A oração e a confiança na misericórdia

Recorrer à misericórdia de Deus com total confiança, rezando o Terço da Misericórdia ou fazendo um breve ato de amor e entrega. Ao olhar para a cruz, meditar sobre o sacrifício de Jesus e pedir graças não apenas para si, mas para o mundo inteiro.

2. A união com Cristo na cruz

São João Paulo II ensinou que a misericórdia não é apenas algo a ser pedido, mas também um chamado à transformação interior. Unir-se espiritualmente à dor e ao amor de Jesus, oferecendo a Ele dificuldades, sofrimentos e intenções pela salvação do mundo.

3. A misericórdia em ação

A misericórdia é a resposta ao sofrimento do mundo. Por isso, a Igreja convida todos a praticarem obras de misericórdia, ajudando os necessitados.



Imagem: Wikipedia

SANTUÁRIO DIOCESANO SANTO EXPEDITO (SP)

Imagem: diocesepresidentepudente.com.br



◆ Assessoria do Santuário ◆

Segundo relatos comprovados pelo pioneiro e historiador Pedro Geraldo Coimbra, por meio de fotos e documentos desde o ano de 1919, já existiam demarcações onde hoje se encontra o município de Santo Expedito. Rezam os fatos que a Companhia Colonizadora Ciampolini & Braga Ltda. desde essa época trabalhava com a entrega de lotes demarcados aos seus proprietários, que imediatamente começaram o desmatamento para a construção de edificações.

O nome primitivo de Santo Expedito foi “km 30” por questões de localização dos municípios mais próximos. Por volta de 1940, com a chegada de uma família vinda do sul do Maranhão, iniciou-se efetivamente sua história. Na bagagem do senhor Arnóbio Guimarães Tenório, uma imagem de seu santo de devoção – Santo Expedito – e a promessa de que, se chegasse com sua família ao Estado de São Paulo e encontrasse trabalho e um lugar para morar, construiria uma capelinha a Santo Expedito. A graça foi alcançada e o senhor Tenório denominou o local de sua última parada Capelinha da Vila Braga, como era chamada devido à companhia instalada no local, mas, de imediato se exclui Vila Braga, restando somente a denominação Capelinha; mesmo assim, o povo da localidade chamava sua terra de Santo Expedito, em menção ao local onde se abrigava a imagem do santo, feito de pau a pique, coberto por tábuas de cedro e sem piso algum.

Em 1952, Capelinha era muito frequentada por estudantes, principalmente durante as provas de fim de ano, chegando a formar fila para rezarem e fazerem pedidos, ainda com as malinhas nas costas... Nessa época, o local já havia passado por uma reforma, contando com estrutura feita por tábuas toscas, cobertura de telhas em estilo francês, sino de bronze, piso de tijolos e bancos de madeiras toscas. ●

Rogai por nós,
Santa Mãe
de Deus!

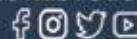


29x23 cm - 168 págs.

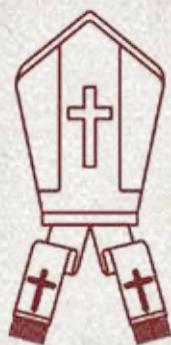
Este livro traz uma coleção de salmos escritos especialmente em louvor à Santíssima Virgem Mãe de Jesus e nossa. Através das palavras de São Boaventura, teólogo e Doutor da Igreja, cada um dos 150 salmos dessa obra, levam o leitor a ter um profundo amor e confiança em Nossa Senhora, e com ela, caminhar ao encontro com o Senhor.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:



Na livraria católica mais próxima
de você
ou em: www.avemaria.com.br



PALAVRA DO PAPA

Sete conselhos do Papa Francisco para as famílias

Papa Francisco, em seus discursos e mensagens no X (antigo *Twitter*), deixa sete conselhos para as famílias. Confira abaixo.

1. DIÁLOGO ENTRE MÃE E FILHOS

O espírito de amor que reina numa família guia tanto a mãe quanto o filho nos seus diálogos, nos quais se ensina e aprende, corrige e valoriza o que é bom.

2. NÃO DORMIR SEM SE RECONCILIAR

Não acabe o dia sem fazer as pazes. A paz se faz, de novo, a cada dia em família. Um “desculpe-me” e assim se recomeça. “Com licença”, “obrigado” e “desculpe-me”! Podemos dizê-los juntos? Pratiquemos essas três palavras em família, perdoadando-nos a cada dia!

3. TROCAR AFETOS ENTRE SI

“A família é o lugar onde nós recebemos o nome, é o lugar dos afetos, o espaço de intimidade onde se aprende a arte do diálogo e da comunicação interpessoal.”

4. VISITAR OS SANTUÁRIOS E LOCAIS DE PE-REGRINAÇÃO

“Caminhar juntos para os santuários e participar em outras manifestações da piedade popular, levando

também os filhos ou convidando outras pessoas, é em si mesmo um gesto evangelizador.” Não nos restrinjam-nos nem pretendamos controlar essa força missionária

5. LER JUNTOS O EVANGELHO

“Seria maravilhoso rezar juntos em família o Terço. A oração faz com que a vida familiar torne-se ainda mais sólida.” (*Twitter*, 6 de maio de 2013)

“Uma família iluminada pelo Evangelho é uma escola de vida cristã. Nela se aprende fidelidade, paciência e sacrifício.” (*Twitter*, 10 de maio de 2014)

6. CULTIVAR RELAÇÕES SADIAS

Conscientes de que o amor familiar enobrece tudo o que o homem faz e lhe dá um valor agregado é importante incentivar as famílias a cultivar relações sadias entre seus membros, como dizer uns aos outros “perdão”, “obrigado”, “por favor” e dirigir-se a Deus com o belo nome de “Pai”.

7. ESPOSOS CRISTÃOS, TESTEMUNHEM SEU MATRIMÔNIO

Por um ato de amor livre e fiel, os esposos cristãos testemunham que o Matrimônio, por ser Sacramento, é a base onde se funda a família e faz mais sólida a união dos cônjuges e sua entrega recíproca. ●

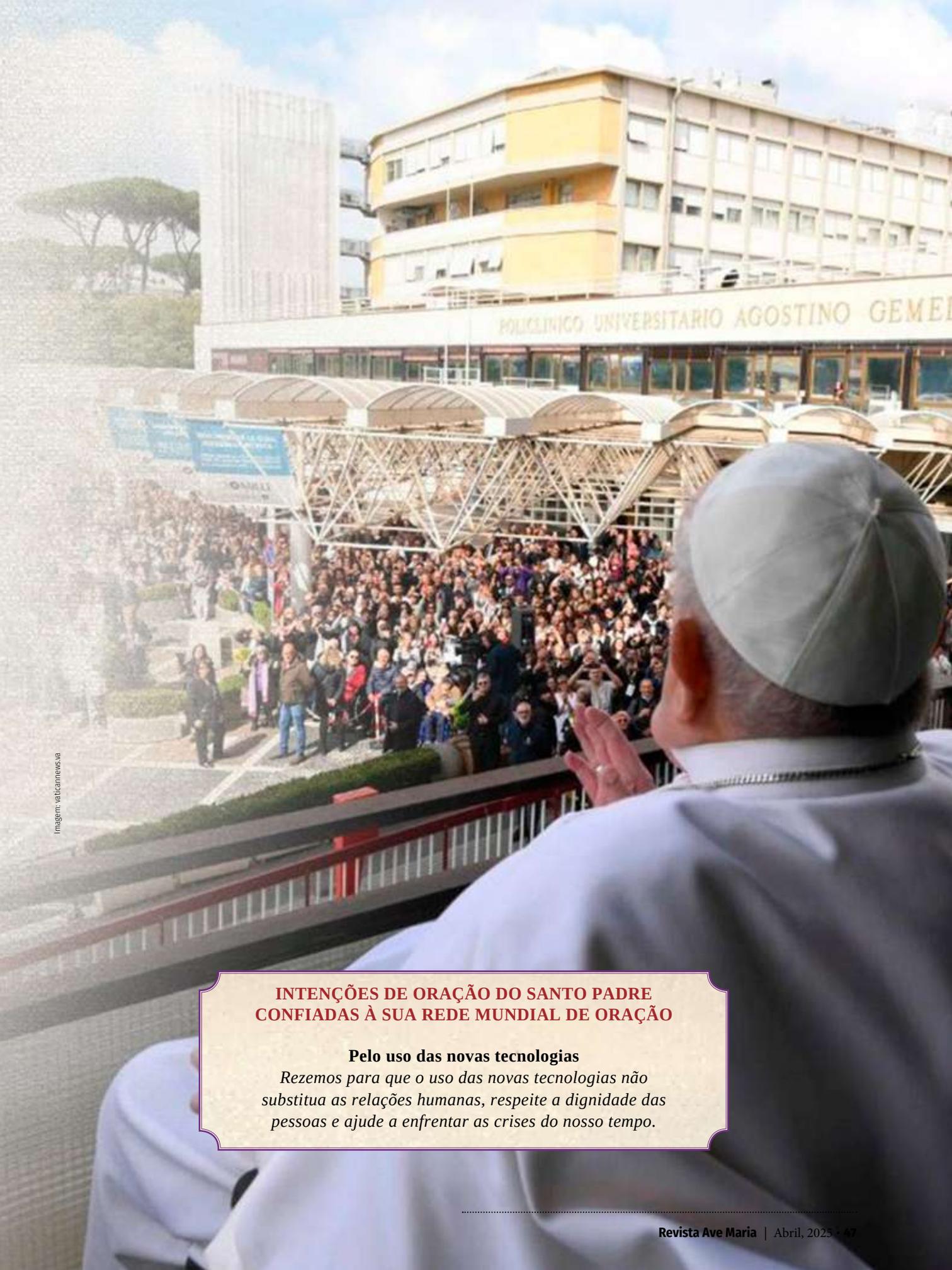


Imagem: vaticannews.va

INTENÇÕES DE ORAÇÃO DO SANTO PADRE CONFIADAS À SUA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO

Pelo uso das novas tecnologias

Rezemos para que o uso das novas tecnologias não substitua as relações humanas, respeite a dignidade das pessoas e ajude a enfrentar as crises do nosso tempo.

PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA IGREJA DOMÉSTICA

◆ Jeciandro Pessoa* ◆

A afetividade é um elemento importantíssimo nas relações. O ser humano capaz de dar e receber afeto se entende como um ser relacional, e não individual, nem totalmente independente do outro. A afetividade gera sentido às nossas relações, das mais próximas às mais distantes, ao mesmo tempo em que contribui diretamente para a construção dos vínculos afetivos. A pessoa que, desde sua gestação, recebeu o devido afeto, não sofrerá tanto caso aconteça a ruptura de uma relação. Isso acontece porque, ao desenvolver sua afetividade durante a gestação, infância e adolescência, não houve codependência em suas relações parentais e amigáveis. O vínculo afetivo foi construído de maneira que a pessoa não se sente “a metade da laranja”.

Imagem: science-clothes404 / Freepik





A família precisará corresponder com o desenvolvimento da vida dos seus, para que estes possam ser capazes de relações fraternas com a família maior, ou seja, a família humana. Isso porque o ser humano é um ser de relação, que vive e depende do outro para se constituir como pessoa. As relações atuais estão cada vez mais fragilizadas, porque muitos não conhecem nem a si mesmos, não se aceitam e não são capazes de acolher o diferente.

Partindo dessa compreensão, o berço familiar precisa ser um verdadeiro lugar de amor e vivência da fé. Isso só poderá acontecer quando o casal buscar enraizar em Cristo o dom da vocação matrimonial. Assim como Cristo se uniu à sua esposa, que é a Mãe Igreja, os esposos precisam se unir de tal forma que cumpram o mesmo mandato de Cristo.

É importante entender que a maneira de os filhos compreenderem a fé católica é por meio do testemunho dos pais. Sabemos que, nos primeiros anos da vida das crianças, sua compreensão de mundo e da família acontece por imitação, ou seja, reproduzem aquilo que os pais fazem. Por isso, nesse espaço vital, a fé precisa ser vivida em palavras e obras, da mesma forma que Cristo anunciava o Pai (cf. *Dei Verbum*, n. 17).

Com o testemunho e também com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim, os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade so-

cial, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa. A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade (cf. *Amoris Laetitia*, n. 184).

Portanto, é precisamente no seio familiar que as experiências de fé acontecem; justamente por meio do testemunho cristão dos esposos que a fé será transmitida para seus filhos.



Nesse espaço, onde acontece a Igreja doméstica, o cultivo da Palavra, da oração e da comunhão deve ser vivido diariamente



Por fim, é essencial pensar a catequese familiar por meio do querigma, porque também, “diante das famílias e no meio delas, deve ressoar constantemente o primeiro anúncio, que é o ‘mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário’ e ‘deve ocupar o centro da atividade evangelizadora’” (*Amoris Laetitia*, n. 58; *Evangelii Gaudium*, n. 35; 164). As famílias precisam ser catequizadas para a vivência querigmática. É justamente com o primeiro anúncio que essas pequenas igrejas encontrarão respostas para a educação dos filhos. ●

***Jeciandro Pessoa** é autor do livro *Como pensar a catequese a partir da família*. Atualmente, trabalha com formação de catequista pelo projeto “Pensar Catequese”.



A CRUZ

e a Igreja Católica

O DOM DO TEMOR

◆ Pe. José Alem, cmf ◆

Os dons do Espírito Santo refletem o amor, o grande e único dom, com cada um representando diferentes aspectos dele, como objeto visto de diversos ângulos. Para viver plenamente esses dons é necessário seguir o caminho de Jesus, acreditando no amor, cumprindo os mandamentos e praticando as bem-aventuranças, assim, desenvolvemos os dons do Espírito e crescemos em sabedoria e graça. Esse processo envolve meditação, oração e uma vivência concreta da presença de Deus em nossas vidas e na Igreja. Falaremos, então, do dom do temor.

Por esse dom ficamos mais vigilantes para não ofender quem confiamos, por isso, quem teme a Deus está atento para não ofendê-lo e procura sempre viver seus mandamentos, pois neles está a expressão da sua vontade

O temor se expressa em tudo o que diz respeito a Deus: sua Palavra, que deve ser ouvida com temor, a participação nos sacramentos procurando respeitar o mistério que significam e transmitem, o respeito pelas coisas sagradas, aos ensinamentos da Igreja, às pessoas, em particular aos pastores que nos conduzem, ao mistério da fé nas suas mais expressivas revelações por meio dos sacramentos.

O temor elimina a vulgaridade, a superficialidade, a mediocridade com que, muitas vezes, podemos ter tratando o mistério da fé sem o respeito que merece por meio de palavras, atitudes, comportamentos e tantas maneiras que o mundo sugere por não saber amar de verdade. O amor é também temor. ●



Imagem: Salarart / Freepik



A GENEROSIDADE PARA COM DEUS E OS IRMÃOS

◆ Dom Antonio Carlos Rossi Keller* ◆

Em 1Reis 17,10-16, encontramos a história da viúva de Sarepta, que, em meio à escassez, acolhe o profeta Elias. Ela se vê diante de uma situação desesperadora, com apenas um punhado de farinha e um pouco de azeite, mas, movida pela fé, decide compartilhar o que tem. Esse ato de generosidade é recompensado por Deus, que faz com que a farinha e o azeite não se esgotem. A viúva, portanto, torna-se um exemplo de fé e confiança na providência divina, mostrando que, mesmo em momentos de dificuldade, a generosidade pode abrir portas para a abundância.

O Salmo 145 complementa essa mensagem, exaltando a bondade e a fidelidade de Deus para com os necessitados. Ele nos lembra que o Senhor é justo e cuida dos que estão em dificuldades, alimentando os famintos e libertando os oprimidos. Essa resposta de Deus à generosidade humana é um convite à ação, mostrando que a verdadeira justiça e compaixão são características do coração de Deus.

O autor da Carta aos Hebreus, na segunda leitura (cf. Hb 9,24-28), apresenta a nós a obra redentora de Cristo, que se oferece a si como sacrifício por nossos pecados. A entrega de Jesus é total e definitiva, contrastando com os sacrifícios do Antigo Testamento, que eram temporários e insuficientes para salvar. Essa passagem nos

convida a refletir sobre a importância de nos entregarmos a Deus de maneira integral, assim como Cristo fez por nós. A salvação que Ele nos oferece é um chamado à generosidade em nossa própria vida.

O Evangelho de São Marcos (cf. Mc 12,38-44) traz a famosa passagem da viúva que, no templo, oferece suas últimas moedas. Jesus observa e elogia a viúva, afirmando que ela deu mais do que todos os ricos ao dar tudo o que tinha para viver. Essa cena é poderosa e inspiradora, pois nos ensina que a verdadeira generosidade não é medida pela quantidade do que se dá, mas pela disposição do coração. A viúva representa aqueles que, mesmo em sua pobreza, conseguem confiar em Deus e de se entregar completamente.

Para colocar em prática a mensagem da Palavra de Deus deste domingo, podemos pensar em algumas indicações.

- Praticar a generosidade: buscar oportunidades para auxiliar os necessitados, seja mediante doações, serviços de voluntariado, visitas ou simplesmente oferecendo apoio emocional a alguém que passa por dificuldades.

- Refletir sobre a confiança em Deus: dedicar um tempo em oração para refletir sobre como a fé pode ser um suporte em momentos de escassez ou incerteza.

Pedir a Deus a graça de confiar plenamente em sua providência.

- Viver a simplicidade: avaliar os próprios gastos e buscar viver de forma mais simples, redirecionando recursos para ajudar os outros. Isso pode incluir a doação de roupas, alimentos ou recursos financeiros.

- Participar da comunidade: envolver-se em atividades comunitárias que promovem a justiça social e a solidariedade, como campanhas de arrecadação ou programas de assistência a pessoas em situação de vulnerabilidade. Quem sabe nas paróquias onde isto não existe organizar as Conferências de São Vicente de Paulo, para adultos e jovens, que procuram atender às necessidades urgentes de famílias carentes.

- Cultivar um coração generoso: praticar atos de bondade no dia a dia, como ajudar um vizinho, ser gentil com colegas de trabalho ou simplesmente sorrir e oferecer palavras de encorajamento a quem se encontra ao redor.

Essas ações não apenas refletem o acolhimento da mensagem das leituras, mas também ajudam a construir uma comunidade mais solidária e amorosa, seguindo o exemplo da viúva que, com sua generosidade, tornou-se um modelo de fé e entrega a Deus. ●

***Dom Antonio Carlos Rossi Keller**
é bispo de Frederico Westphalen (RS).

PEDIR BÊNÇÃO AOS PAIS

NÃO ESTÁ FORA
DE MODA!

♦ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães* ♦

O quarto mandamento da Lei de Deus, ao falar de honrar pai e mãe, implica recordar que a honra passa não somente pelo respeito, mas também pelo gesto tão simples, porém tão profundo, de pedir a bênção a eles. E este simbolismo de fé e proteção jamais estará fora de moda.

Quando se lê a Sagrada Escritura, percebe-se que a bênção é um sinal da comunhão com Deus, visto que procede d'Ele mesmo. No Antigo Testamento, no livro dos Números, o Senhor Deus fala a Moisés: "Dize a Aarão e a seus filhos: Com estas palavras deveis abençoar os israelitas: 'O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti sua face,

Imagem: Freepik

e se compadeça de ti. O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz'. Assim invocarão o meu nome sobre os israelitas, e eu os abençoarei" (Nm 6, 23-27). Nesta bênção, está compreendido que, de fato, é Deus quem abençoa. O sacerdote Aarão é apenas o dispensador da bênção, mas não o autor dela. Toda bênção vem do Senhor; é bem verdade que o contrário da bênção, que é a maldição, não provém d'Ele.

A bênção torna-se um sinal de proteção. É uma realidade simbólica bastante sensível para fazer os filhos compreenderem a proximidade de Deus. O filho diz: "A bênção, meu pai! A bênção, minha mãe!", e estes respondem: "Deus te abençoe, meu filho!". Este gesto é, sem dúvidas, uma sublime forma de honrar pai e mãe. Eles, independentemente de quem são e do que fazem, tornam-se voz de Deus para seus filhos. É bom lembrar que a Sagrada Escritura assegura: "Deus honra o pai nos filhos e confirma, sobre eles, a autoridade da mãe. Quem honra seu pai intercederá pelos pecados, evitará cair neles e será ouvido na oração quotidiana. Quem respeita sua mãe é como alguém que junta tesouros. Quem honra seu pai terá alegria em seus próprios filhos; e, no dia em que orar, será atendido. Quem honra seu pai terá vida longa, e quem obedece ao pai é o consolo da mãe" (Eclo 3, 3-7). Veja! Nesse trecho, aparecem os verbos honrar e respeitar, que de-

sembocam no verbo orar, ou seja, quem honra pai e mãe terá, por meio da oração, seus pedidos atendidos. Daí que honrá-los, também pedindo a bênção, que é um gesto oracional, significa que Deus lhe será generoso.

Entretanto, sabendo ou não do sentido profundo da bênção conforme foi visto, muitos jovens insistem em não pedi-la a seus pais, deixando-se contaminar pela realidade mundana, a ponto de dizer: "Isso é cafona demais!"; ou: "Está fora de moda!"; ou ainda: "Eu só pedia a bênção quando era criança!". Pasmem! Há alguns que até dizem nunca ter pedido a bênção a seus pais, talvez porque não foram ensinados a tal. O livro do Eclesiástico, ao falar sobre honrar pai e mãe, alerta: "A bênção do pai consolida a casa dos filhos, mas a maldição da mãe destrói até os alicerces" (Eclo 3,11). Quem nunca ouviu relatos como estes: "Olha, o que meu pai e minha mãe disseram se cumpriu!";? A bênção deles assegura um cuidado, um gesto de amor e proteção para com os filhos. É bem verdade que bênção é o oposto de maldição e, caso não aconteça, a pessoa estará mais propensa à maldição. Apresenta o livro do Deuteronômio: "Eis que hoje ponho diante de vós bênção e maldição: A bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que hoje vos prescrevo; A maldição, se desobedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus e vos afastardes do

caminho que hoje vos prescrevo, para seguides outros deuses, que não conhecíeis" (Dt 11, 26-28).



**Conuém lembrar
que o filho,
independentemente
da idade, será
sempre filho para
seu pai e sua mãe.
Não há uma idade
limite para não mais
pedir a bênção**



O mesmo gesto vale para os avós, padrinhos, madrinhas, tios e o padre. São essas pessoas que recordam o dia do seu Batismo, dia este em que fostes tornado(a) filho(a) de Deus e, daí, a bênção fez ecoar em sua existência.

Queira Deus que se perpetue este gesto de pedir a bênção sempre que o filho estiver com seus pais: antes de dormir, ao despertar, ao sair de casa, depois das refeições, ao falar com os pais por telefone ou pelas redes sociais. Enfim, é um gesto simbólico que nunca estará fora de moda e que trará paz e proteção a quem assim o fizer, além de sentir no coração a proximidade do Deus que se revela pelos pais.

Que tal reforçar este gesto simples e profundo ou até mesmo começar a fazê-lo, dizendo: "A bênção, meu pai! A bênção, minha mãe!". Boa experiência! ●

ENTRE DESAFIOS E HORMÔNIOS:

a depressão na população
feminina

Imagem: sethadio / Freepik

◆ Dr. Caio Bruno Andrade Nascimento* ◆

“O mal do século”: definitivamente, esta tem sido uma das definições mais comuns do conceito de depressão nos nossos dias atuais, de forma que não consigo me esquecer do dia em que fiz o meu vestibular de Medicina da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em 2017 e deparei com esse “mal” como sendo o tema da redação.

De lá para cá, muita coisa mudou e a taxa de incidência (casos novos) dessa condição aumentou ano após ano. Todavia, grandes estudos recentes têm nos apontado para uma prevalência (número de casos totais) dessa doença como sendo cerca de duas vezes mais comum em mulheres do que em homens. Por que será, então, que nós encontramos tamanha divergência de número de casos em mulheres? A resposta pode parecer simples, mas pode ser tão complexa como entender as particularidades da fisiologia feminina e contexto em que vivem as mulheres.

A depressão tende a ser mais comum em mulheres pois elas passam por maiores oscilações hormonais, como no período pré-menstrual, na gravidez e na menopausa, o que é capaz de gerar uma considerável oscilação do humor

Além disso, o estresse e a pressão do dia a dia costumam ser maiores, já que, desde a inserção (um tanto compulsória) das mulheres no mercado na segunda metade do século XX, tem sido comum que muitas delas acumulem, simultaneamente, trabalho,

casa e família; ademais, por vezes a população feminina está muito mais exposta à violência e a certas cobranças sociais, como a imposição midiática de padrões de beleza e expectativas causadas por comparações, o que afeta (e muito) a saúde mental. Além disso, o acúmulo de responsabilidades no dia a dia pode gerar um grande estresse emocional e físico. A falta de descanso adequado e a pressão para cumprir múltiplos papéis frequentemente levam a um quadro de exaustão, que pode contribuir para o surgimento ou o agravamento da depressão. Quando esses fatores não são devidamente reconhecidos, o risco de surgimento de transtornos depressivos pode aumentar consideravelmente!

É fundamental, portanto, que não se hesite em procurar auxílio médico e psicológico quando reconhecidos, concomitantemente, sinais de considerável tristeza persistente, alterações no sono e apetite que impactam de alguma forma a sua funcionalidade e demais sinais de alerta que indicam que algo talvez não esteja caminhando tão bem com a nossa saúde mental. O tratamento adequado, seja com psicoterapia, medicamentos ou mudanças no estilo de vida, é essencial durante a abordagem dessa condição, visando a uma melhora expressiva da qualidade de vida.

Por fim, reforço que a busca por ajuda deve ser vista sempre como um passo importante para a recuperação e, jamais, deverá ser considerada como sendo uma fraqueza: reconhecer que precisamos de ajuda, quando necessário, é um ato de coragem. Cuidemos uns dos outros! ●

***Doutor Caio Bruno Andrade Nascimento** é natural de Conselheiro Lafaiete (MG), católico e médico formado pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Trabalhou como médico generalista em Estratégia Saúde da Família (ESF) no interior do Estado de São Paulo e, atualmente, é residente em Psiquiatria pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O PODER DO AMOR FAMILIAR COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

◆ Pe. Rodolfo Faria ◆

Estimado leitor da *Revista Ave Maria*, começo nossa reflexão mensal de abril convidando você e sua família a uma experiência evangélica do poder do amor como caminho de salvação.

Recordemos o que Jesus disse no Evangelho de São Marcos: “O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças. Eis aqui o segundo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Outro mandamento maior do que este não existe.” (Mc 12, 29-31). Assim como Jesus resumiu os três primeiros mandamentos da Lei de Moisés, Ele também fez com que os sete mandamentos seguintes fossem verificados através do segundo maior mandamento de todos: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Os três primeiros mandamentos têm o foco em Deus e os sete seguintes, o foco em sua criação, ou seja, o relacionamento entre todos nós, irmãos e irmãs, filhos e filhas de Deus.

Perceba que temos dois mandamentos, mas, curiosamente, três pontos para amar: Deus, a si mesmo e ao próximo, sobretudo nossas famílias, que compartilham o melhor de nós e o pior de nós todos os dias. Portanto, o amor de Jesus é salvação. Assim também deve ser o nosso amor para com nossos familiares, um amor capaz de salvar da indiferença, do ódio, da mágoa, dos vícios e de tantos outros pecados. Isso porque, se fomos criados à imagem e

semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26), também devemos ser amados. Como já refletimos bastante sobre todos os mandamentos, vamos agora dar foco nesse ponto muito importante, que pode até passar despercebido: “como a ti mesmo”.

Santo Agostinho, questionando-se sobre a diferença entre esses três pontos para amar, oferece uma resposta valiosa e ensina com qual medida deve o homem amar-se a si mesmo:

“Mas, se há três pontos do nosso amor, por que há apenas dois mandamentos? Vou dizer-te: Deus não julgou necessário encarregar-te de te amares a ti próprio porque não há ninguém que não se ame a si mesmo. Mas muita gente se perde porque se ama mal. Ao mandar-te amá-Lo com todo o teu ser, Deus deu-te a regra segundo a qual deves amar. Queres amar-te? Então ama a Deus com todo o teu ser. Com efeito, é n’Ele que te encontrarás, evitando assim perderes-te em ti. [...] Deste modo, é-te dada a regra segundo a qual deves amar-te: ama Aquele que é maior do que tu e amar-te-ás a ti mesmo.” (Santo Agostinho, Sermão inédito sobre a carta de São Tiago).

Como, então, amar a si mesmo da maneira correta? “Queres amar-te? Então ama a Deus com todo o teu ser”. Nesta terra, o que de mais valioso o ser humano possui é a sua alma; e a vontade de Deus, que é “que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2, 4), é a única que pode nos salvar de nós mesmos. Afinal, temos um corpo carnal, que

é fraco e limitado, e necessita de cuidados (cf. Mt 26,40-41).

São Paulo nos adverte: “Não sabeis que sois o Templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o Templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o Templo de Deus é sagrado – e isto sois vós.” (1 Cr 3,16-17). Não podemos, conscientemente, atentar contra nossa própria vida, ou seja, precisamos cuidar de nós mesmos de forma física, mental e espiritual. E isso não somente para nosso próprio bem-estar, mas sim para obedecermos ao mandamento de amar o próximo. Afinal, se meu corpo está fraco, doente e fatigado, como vou amar o próximo com os cuidados físicos que ele venha a necessitar?



Se estou sem fé, descrente e desanimado com a vida, distante da Eucaristia e da Palavra de Deus, como vou amar o próximo dando a ele uma palavra de conforto, fé e esperança em Jesus Cristo, visto que “a boca fala daquilo de que o coração está cheio” (Mt 6,45)



Irmãos e irmãs, é preciso nos mantermos fortes, pois, quando damos um passo para a mudança de vida para Deus, seja ela física, mental ou espiritual, muitos entraves e tentações virão junto, pois o inimigo quer destruir o Templo de Deus, ou seja, nós. Por isso, não deixemos nunca de vigiar e sermos firmes e fortes na fé, para que em tudo prevaleça sempre a caridade (cf. 1 Cr 16,13-14).

Ora, a família é realmente esse ambiente eclesial fértil para iniciarmos amizades no Senhor e para podermos cultivá-las, renovando sempre nossa entrega de vida uns pelos outros. Por essa razão, precisamos fortalecer a vida de vínculos de amizade e fraternidade cristã na família. Isso é possível quando certos valores da vida comunitária nos moldam e nos guiam. A família, mais do que um grupo de compromisso religioso, é uma real igreja doméstica e, portanto, precisa ser guiada por valores antes de práticas. ●

Imagem: EmilyStock / Freepik



ENTRE
máscaras
E
espelhos:
quem sou eu
de verdade?

◆ Francisco Medeiros* ◆



Imagem: nikitabuda / Freepik

Às vezes, parece que carregamos uma porção de máscaras, como se cada situação exigisse uma personagem diferente. No meio desse jogo de espelhos, podemos nos perguntar: “Onde está meu ‘eu’ autêntico?”. A verdade é que, conforme crescemos, adotamos maneiras de agir que protegem nossa imagem e evitam julgamentos, mas essas estratégias podem nos afastar de quem realmente somos, criando um abismo entre a aparência e a essência.

Quando vivemos atrás de máscaras, passamos a responder a expectativas que vêm de fora: família, sociedade, redes sociais. Em vez de ouvirmos nosso íntimo, tentamos nos “encaixar”, porém, lá dentro

algo sussurra que falta sentido, espontaneidade ou alegria genuína. Essa desconexão se manifesta em forma de angústia, ansiedade, sensação de vazio.

Como psicólogo existencial, acredito que a autenticidade nasce quando nos abrimos para encarar nossa própria história, sem julgá-la ou disfarçá-la. Nesse processo, a dúvida e a autodescoberta são ingredientes preciosos. Em lugar de sufocar perguntas, podemos acolhê-las e ouvir o que elas nos dizem sobre nossos medos, desejos e sonhos verdadeiros. Afinal, nossa essência só se revela quando a deixamos expressar-se sem censura.

Então, como construir uma vida mais autêntica?

OBSERVE SEUS SENTIMENTOS:
RESERVE ALGUNS MINUTOS DO DIA PARA IDENTIFICAR O QUE SE PASSA EM SEU CORPO E EM SUAS EMOÇÕES. SE ALGO INCOMODA, PERMITA-SE SENTIR E NOMEAR ISSO COM CLAREZA.

QUESTIONE SEUS “DEVERIAS”: SEMPRE QUE SE PERCEBER FAZENDO ALGO “PORQUE DEVERIA”, PERGUNTE-SE: “ISSO REALMENTE FAZ SENTIDO PARA MIM?” ESSA REFLEXÃO CONSTANTE DESARMA AS MÁSCARAS QUE SÓ USAM O NOSSO TEMPO E ENERGIA.

CRIE MOMENTOS DE SILÊNCIO: LONGE DO BARULHO EXTERNO, UM TEMPO DE SOSSEGO AJUDA A OUVIR NOSSOS ANSEIOS MAIS PROFUNDOS. PODE SER MEDITAÇÃO, UM BREVE PASSEIO OU SIMPLEMENTE ALGUNS INSTANTES DE RESPIRAÇÃO CONSCIENTE.

ESTABELEÇA ESPAÇOS DE VERDADE: CULTIVE RELAÇÕES EM QUE PODE COMPARTILHAR VULNERABILIDADES SEM MEDO DE JULGAMENTO. ESSE “PORTO SEGURO” ABRE ESPAÇO PARA DESCOBRIR O PRÓPRIO VALOR.

CELEBRE AS IMPERFEIÇÕES: RECONHECER AS PRÓPRIAS FALHAS E CONTRADIÇÕES NOS APROXIMA DA HUMANIDADE QUE TODOS PARTILHAMOS. A PERFEIÇÃO NOS AFASTA DE NÓS MESMOS, ENQUANTO ABRAÇAR QUEM SOMOS DE VERDADE – COM LIMITES E POTENCIAIS – LIBERTA.

Entre máscaras e espelhos o desafio é escolher a coragem de despir-se dos personagens impostos e trilhar o caminho de quem se é na essência. Esse percurso pode trazer insegurança, mas também um sentido renovado de liberdade e autoconfiança, afinal, só descobrimos o “eu” genuíno quando lhe damos voz – sem medo do reflexo que o espelho mostrará. ●

*Francisco Medeiros é psicólogo clínico e atende de maneira on-line. Para mais informações e conteúdo, acesse o Instagram @psicologofrancisco.

APARECIDA

E O PEÃO BOIADEIRO





Imagem: Reprodução / MEB



O MELHOR JEITO DE FAZER BATATA

INGREDIENTES

6 batatas médias
2 colheres (sopa) de azeite de oliva
Pimenta-do-reino a gosto
4 dentes de alho
6 colheres (sopa) de manteiga sem sal
¾ xícara (chá) de caldo de galinha ou caldo de vegetais
¼ xícara (chá) de suco de limão espremido na hora
4 raminhos de endro picado

Molho

¼ xícara (chá) de suco de limão espremido na hora
1 colher (sopa) de mel

MODO DE PREPARO

Comece higienizando as batatas e removendo a parte de cima e a parte de baixo. Em seguida, corte-as ao meio e aos poucos retire as bordas com a faca até obter um formato cilíndrico. Você também pode utilizar um cortador de massas em forma de círculo para ter mais precisão na hora de moldar as batatas. Lave-as e depois enxugue o excesso de água com um pano de prato. Em um frigideira, coloque o azeite e a manteiga e deixe aquecer. Adicione as batatas e tempere-as com sal e pimenta-do-reino. Coloque também os raminhos de endro e os dentes de alho amassados levemente ou inteiros. Após alguns minutos, vire as batatas para dourar o outro lado. Quando ambos os lados da batata estiverem dourados, adicione o caldo de galinha e deixe cozinhar por uns 2 minutos e apague o fogo. Leve a frigideira com as batatas ao forno preaquecido a 180°C de 35 a 40 minutos. Retire-as do forno e despeje o molho por cima, misturando o mel e o suco de limão para dar um toque especial antes de servir.

Valor calórico: 98 kcal.

MOQUECA DE PEIXE

INGREDIENTES

4 postas de cação ou garoupa (700 g)
Suco de 1 limão
1 cebola grande cortada em rodelas
1 pimentão vermelho cortado em rodelas
1 pimentão verde cortado em rodelas
2 tomates maduros cortados em rodelas
2 colheres (sopa) de coentro
200 ml de leite de coco
1 colher (sopa) de azeite de dendê

MODO DE PREPARO

Lave bem o peixe, regue com o suco de limão e deixe descansar por cerca de 1 hora. Em uma panela grande, coloque o peixe, a cebola, os pimentões, os tomates e polvilhe coentro. Esfarele os tabletes de caldo de camarão, misture-os ao leite de coco e regue o peixe. Leve ao fogo baixo, com a panela parcialmente tampada, por 20 minutos. Mexa algumas vezes até que esteja cozido. Junte o azeite de dendê e adicione sal. Retire do fogo e sirva.

Valor calórico: 89 kcal.



Imagem: Reprodução / MEB

No sacrifício de Cristo, o amor se revela em sua plenitude.

Esta obra trata de diversos assuntos, como: a paixão de Cristo, a conversão do coração e a superação do pecado. A reflexão é feita através de uma jornada ideal no Calvário, juntamente com Jesus, e a redescoberta do amor de Deus, que se declina de múltiplas formas, da misericórdia à graça.



12x18 cm • 64 págs.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas Redes Sociais    
À venda nas melhores livrarias ou no site:
www.avemaria.com.br

O mundanismo é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal.

(Evangelii Gaudium)



Pe. Calmon Rodovalho Malta, CMF.

